

Clássicos da Literatura Brasileira

O Noviço

Martins Pena

Ilustrações:
Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

O Noviço

Martins Pena

O Noviço

Martins Pena

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editoras

Isabela Nóbrega
Márcia Regina Silva

Leitura, Adaptação e Revisão

Malthus de Queiroz

Direção de arte

Elto Koltz

Diagramação

Alexsandro J. de Santana
Deborah Lobo

Coordenação Editorial



Direitos Reservados à Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37
CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE
Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638
CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2012

Impresso no Brasil

Q3n Queiroz, Malthus, 1976-
O noviço / Martins Pena ; adaptação: Malthus Queiroz ;
ilustrações: Eduardo Schloesser. – Recife : Prazer de Ler,
2012.
96p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. TEATRO BRASILEIRO – PERNAMBUCO. I. Pena,
Martins, 1815-1848. II. Schloesser, Eduardo, 1962-.
III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 12-031

CDU 869.0(81)-2
CDD B869.2

ISBN: 978-85-65284-65-3

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

O Noviço

Comédia em 3 atos.

PERSONAGENS

AMBRÓSIO.

FLORENCIA, sua mulher.

EMÍLIA, sua filha.

JUCA, 9 anos, dito¹.

CARLOS, noviço da Ordem de S. Bento.

ROSA, primeira mulher de Ambrósio.

PADRE-MESTRE DOS NOVIÇOS.

JORGE.

JOSÉ, empregado.

1 oficial de justiça, que fala.

2 ditos, que não falam.

Soldados, etc, etc.

(A cena se passa no Rio de Janeiro.)

¹Dito: tipo de voto religioso.

Ato primeiro

Uma sala muito decorada: mesa, mesa de canto, jarras com flores, cortinas, etc., etc. No fundo, tem uma porta de saída, uma janela, etc., etc.

Cena I

AMBRÓSIO, *sozinho, de calça preta e roupão* — No mundo a fortuna é para quem sabe adquirir. Aham que ela é cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para ver e alcançar a fortuna. Todo homem pode ser rico, se aprender o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e persistência são poderosos auxiliares. Qual é o homem que, resolvido a fazer de tudo, não consegue ficar rico? Sou um exemplo. Há oito anos, eu era pobre e miserável, e hoje sou rico, e serei mais ainda. Não importa como; o mérito está no bom resultado... Mas um dia tudo pode mudar. Afinal, eu tenho medo do quê? Se em algum momento eu tiver que responder pelos meus atos, o ouro vai me justificar, e não serei culpado. As leis criminais foram feitas para os pobres...

Cena II

Entra Florência, vestida de preto, como quem vai a uma festa.

FLORENCIA, *entrando* — Ainda não está pronto, Ambrósio?

AMBRÓSIO — É cedo. (*Olhando o relógio.*) São nove horas, e o ofício de Ramos² começa às dez e meia.

FLORENCIA — Precisamos ir mais cedo para conseguir um lugar.

AMBRÓSIO — Há tempo para tudo. Agora responda, minha bela Florência...

FLORENCIA — O quê, meu Ambrosinho?

AMBRÓSIO — O que você pensa do nosso projeto?

FLORENCIA — O que penso eu não sei, nem me importa; eu quero — e pronto. E é seu dever obedecer.

AMBRÓSIO — É verdade. Ainda bem que você é enérgica.

FLORENCIA — Energia eu tenho.

AMBRÓSIO — E atrativos, feiticeira...

FLORENCIA — Ai, amorzinho! (*Diz à parte.*) Que marido!

² *Ofício de Ramos*, evento da Igreja Católica celebrado no Domingo de Ramos.

AMBRÓSIO — Escuta com atenção, Florência. Tenha certeza de que faço tudo para te fazer feliz...

FLORENCIA — Minha atenção é toda tua.

AMBRÓSIO — Tu ficaste com dois filhos do teu primeiro casamento. Teu marido foi um homem digno e de muito juízo; deixou-te herdeira de grande patrimônio. Esse é um grande mérito...

FLORENCIA — Pobre homem!

AMBRÓSIO — Quando eu te vi pela primeira vez, não sabia que tu eras uma viúva rica. (*À parte.*) Claro que sabia! (*Alto.*) Amei-te pela tua simpatia.

AMBRÓSIO — Não foi o interesse que me obrigou a casar contigo.

FLORENCIA — Foi o amor que nos uniu.

AMBRÓSIO — Foi, foi; mas agora que estou casado contigo, é meu dever tomar conta dessa fortuna que sempre desprezei.

FLORENCIA, *à parte* — Que marido!

AMBRÓSIO, *à parte* — Que boba! (*Alto.*) Até agora tu aproveitaste essa fortuna da maneira que quiseste; mas daqui em diante, talvez não seja assim.

FLORENCIA — E por quê?

AMBRÓSIO — Tua filha está crescida e em idade de se casar. E vai se casar, e terás um genro que vai exigir a parte da herança de sua mulher, e a partir desse dia os aborrecimentos e as intermináveis disputas começarão. Tu sabes que ainda não fizestes um inventário³.

FLORENCIA — Não tive tempo, e é muito chato aturar procuradores!

AMBRÓSIO — Teu filho também cresce todos os dias e vai ser preciso lhe dar a sua parte na herança... Novas disputas.

FLORENCIA — Não, não quero disputas.

AMBRÓSIO — É o que eu digo também; mas como preveni-las?

FLORENCIA — Faça o que achar melhor, meu amorzinho.

AMBRÓSIO — Eu já te disse há mais de três meses o que era preciso ser feito para cortar esse mal. Você ama a sua filha, o que é muito natural, mas ama ainda mais a si mesma...

³Documento no qual a pessoa faz uma relação de todos os bens que possui, para poder repartir a herança.



FLORENCIA — O que também é muito natural...

AMBRÓSIO — Que dúvida! E eu acredito que esses dois problemas podem ser resolvidos fazendo Emília entrar em um convento. Sim, que ela seja freira. Nesse caso tu não terás que dar herança alguma, apenas um dote insignificante — e será uma ação louvável.

FLORENCIA — Coitadinha! Sempre tenho pena dela. O convento é tão triste!

AMBRÓSIO — O problema é essa sua compaixão! O que é este mundo? Um abismo de enganos e traições, um rochedo no qual a felicidade e as doces ilusões da vida naufragam. E o que é o convento? Porto de salvação e sorte, asilo da virtude, único abrigo da inocência e verdadeira felicidade... E uma mãe carinhosa deve ficar em dúvida na hora de escolher entre o mundo e o convento?

FLORENCIA — Não, não deve...

AMBRÓSIO — A mocidade é inexperiente, não sabe o que é melhor para ela. Tua filha vai se lamentar, vai chorar desesperada, não importa; obriga-a e deixa o tempo resolver. Depois que ela estiver no convento e esse primeiro fogo se acalmar, vai abençoar o teu nome e, junto ao altar, no êxtase de sua **tranquilidade** e verdadeira felicidade, pedirá que Deus te proteja. (*À parte.*) E a sua parte da herança ficará em casa...

FLORENCIA — Tens razão, Ambrosinho, ela será freira.

AMBRÓSIO — A respeito de teu filho, direi o mesmo. Ele tem nove anos e será melhor prepará-lo desde já para frade.

FLORENCIA — Ontem já comprei o hábito⁴ com qual ele andará vestido daqui em diante.

AMBRÓSIO — Assim não estranhará quando chegar à idade de entrar no convento; será frade feliz. (*À parte.*) E a sua parte da herança também ficará em casa...

FLORENCIA — Que sacrifícios tenho que fazer para a felicidade de meus filhos!

⁴ Roupas de religioso.

Cena III

Entra Juca, vestido de frade, com chapéu sem aba, assobiando.

FLORENCIA — Vem cá, filhinho. Como estás bonito com esse hábito!

AMBRÓSIO — Juquinha, gostas desta roupa?

JUCA — Não, não me deixa correr, é preciso levantar assim...*(Arregaça o hábito.)*

AMBRÓSIO — Logo te acostumarás.

FLORENCIA — Filhinho, tu serás um fradinho muito bonito.

JUCA, *chorando* — Não quero ser frade!

FLORENCIA — Mas o que é isso?

JUCA — Hi, hi, hi... Não quero ser frade!

FLORENCIA — Menino!

AMBRÓSIO — Pois não te darei o carrinho que te prometi, todo bordado de prata, com cavalos de ouro.

JUCA, *rindo* — Onde está o carrinho?

AMBRÓSIO — Já o encomendei; é muito bonito: os arreios⁵ são todos enfeitados de fitas e veludo.

JUCA — Os cavalos são de ouro?

AMBRÓSIO — Se são! De ouro com os olhos de brilhantes.

JUCA — E andam sozinhos?

AMBRÓSIO — Se andam! De marcha e passo.

⁵ Conjunto de ferramentas que permite controlar os cavalos da carruagem.

JUCA — Andam, mamãe?
FLORÊNCIA — Correm, filhinho.
JUCA, *saltando de contente* — Como é bonito! E o carrinho tem rodas, capim para os cavalos, uma moça bem enfeitada?
AMBRÓSIO — Não lhe falta nada.
JUCA — E quando vem?
AMBRÓSIO — Assim que estiver pronto.
JUCA, *saltando e cantando* — Eu quero ser frade, eu quero ser frade...
AMBRÓSIO, *para Florência* — Assim vamos o acostu-mando...
FLORÊNCIA — Coitadinho, é preciso comprar o carrinho para ele!
AMBRÓSIO, *rindo* — Com cavalos de ouro?
FLORÊNCIA — Não.
AMBRÓSIO — Basta comprar uma caixinha com solda-dos de chumbo.
JUCA, *saltando pela sala* — Eu quero ser frade!
FLORÊNCIA — Está bom, Juquinha, tu serás frade; mas não precisa gritar tanto. Vai lá para dentro.
JUCA, *sai cantando* — Eu quero ser frade...
FLORÊNCIA — Estas crianças...
AMBRÓSIO — Com este vai ser fácil... De pequenino se tor-ce o pepino... O teu sobrinho Carlos é que me dá preocupação.
FLORÊNCIA — Já vai para seis meses que ele entrou como noviço no convento.
AMBRÓSIO — E queira Deus que fique o ano inteiro, que só assim ficaremos **tranquilos**.
FLORÊNCIA — E se fugir do convento?
AMBRÓSIO — Com isso eu não me preocupo... Está bem encaminhado. É preciso empregar toda nossa autoridade para obrigá-lo a professar⁶. O motivo, tu sabes muito bem...
FLORÊNCIA — Mas olha que Carlos é endiabrado.
AMBRÓSIO — Já domei outros... Está na hora de sairmos, vou-me vestir. (*Sai pela esquerda.*)

⁶ Fazer votos religiosos.

Cena IV

FLORÊNCIA, só — Se não fosse este homem com quem me casei, não teria agora quem cuidasse com tanta generosidade da minha fortuna. É uma bela pessoa... Enche-me de cuidados e carinhos. Ora, podem dizer que uma mulher não deve se casar pela segunda vez... Se eu soubesse que seria tão feliz, casar-me-ia **cinquenta**.

Cena V

Entra Emília, vestida de preto, como querendo atravessar a sala.

FLORENCIA — Emília, vem cá.

EMÍLIA — Mamãe?

FLORENCIA — Chega aqui. Ó, menina, quando deixarás este ar triste com que andas?

EMÍLIA — Minha mãe, eu não estou triste. *(Limpa os olhos com o lenço.)*

FLORENCIA — Aí tem! Não digo? Chorando. Por que chora?

EMÍLIA — Por nada, não, mamãe.

FLORENCIA — Ora, isto é insuportável! Uma mãe se mata por se empenhar em trazer a felicidade para sua filha e como esta agradece? Afastando-a e chorando. Ora, sabe o que é ser mãe de filhos desobedientes...

EMÍLIA — Não sou desobediente. Posso lhe fazer a vontade; mas não posso deixar de chorar e sentir.

(Aqui aparece Ambrósio apenas de calça e camisa, na porta por onde saiu, para observar.)

FLORENCIA — E por que esta menina chora tanto, por quê?

EMÍLIA — Minha mãe...

FLORENCIA — O que tem de mau a vida de freira?

EMÍLIA — É muito boa, mas é que não tenho vocação nenhuma para ela.

FLORENCIA — Vocação, vocação! O que quer dizer vocação? Tens vocação, sem dúvida, por algum riquinho **frequentador** de bailes e passeios, jogador de baralho? Essas vocações é que fazem muitas meninas se perderem. Esta cabecinha ainda está muito leve; eu é que sei o que é melhor para ti: serás freira.

EMÍLIA — Serei freira, minha mãe, serei! Assim como estou certa de que serei infeliz.

FLORENCIA — Histórias! Tu sabes o que é mundo? O mundo é... é... (*À parte.*) Não me lembro o que Ambrósio disse que era o mundo. (*Alto.*) O mundo é... um... é.. (*À parte.*) E agora? (*Vendo Ambrósio junto da porta.*) Ah, Ambrósio, diz aqui a esta desorientada o que é o mundo.

AMBRÓSIO, *adiantando-se* — O mundo é um abismo de enganos e traições, um rochedo no qual a felicidade e as doces ilusões da vida naufragam. E o convento é porto de salvação e sorte, único abrigo da inocência e verdadeira felicidade... Onde está minha casaca?

FLORENCIA — Lá em cima no sótão. (*Ambrósio sai pela direita. Florência, para Emília.*) Ouviste o que é o mundo e o convento? Não sejas pateta, vem acabar de te vestir, que já passou da hora. (*Sai pela direita.*)

Cena VI

Emília e depois Carlos.

EMÍLIA — É minha mãe, devo-lhe obediência, mas este homem, meu padrasto, como o detesto! Tenho certeza de que foi ele quem convenceu minha mãe que me botasse no convento. Ser freira? Oh, não, não! E Carlos, que tanto amo? Pobre Carlos, também te perseguem! E por que nos perseguem assim? Não sei. Como tudo mudou nesta casa, depois que minha mãe se casou com este homem! Então ela não pensou na felicidade de seus filhos. Ai, ai!

Cena VII

Carlos, com hábito de noviço, entra assustado e fecha a porta.

EMÍLIA, *assustando-se* — Quem é? Carlos!

CARLOS — Silêncio!

EMÍLIA — Meu Deus, o que tens, por que estás tão assustado? O que foi?

CARLOS — Onde está minha tia e o teu padraсто?

EMÍLIA — Lá em cima. Mas o que tens?

CARLOS — Fugi do convento, e eles vêm atrás de mim.

EMÍLIA — Fugiste? E por que motivo?

CARLOS — Por que motivo? E faltam motivos para se fugir de um convento? O último foi o jejum em que vivo há sete dias... Vê esta barriga, está sumindo. Desde sexta-feira passada que não mastigo um pedaço que valha a pena.

EMÍLIA — Coitado!

CARLOS — Hoje, não aguentando mais, discuti com o Dom Abade. Palavras puxam palavras; diz tu, direi eu, e no fim das contas dei-lhe uma cabeçada que o atirou pelos ares.



EMÍLIA — O que fizeste, louco?

CARLOS — E que culpa tenho eu, se tenho a cabeça esquentada? Por que querem desprezear minhas vocações? Não nasci para frade, não tenho jeito nenhum para estar horas inteiras no coro a rezar com os braços cruzados. Não gosto disso... Não posso jejuar: tenho, pelo menos três vezes ao dia, uma fome de todos os diabos. Eu queria ter sido militar; essa é minha vocação. Pancadas, golpes de espada, confusão é que me dão gosto; esse é o meu gênio. Gosto de teatro, e lá ninguém vai ao teatro, a não ser Frei Maurício, que frequenta a plateia de casaca e cabeleira, para esconder o corte de cabelo arredondado.

EMÍLIA — Pobre Carlos, o que passaste nestes seis meses como noviço!

CARLOS — Seis meses de sofrimento! Não que a vida de frade seja má; ela é boa para quem nasceu para ela e sabe aproveitá-la; mas eu, priminha, eu que tenho para a tal vidinha negação completa, não posso!

EMÍLIA — E os nossos parentes, quando nos obrigam a seguir uma carreira para a qual não temos vocação alguma, dizem que o tempo vai nos acostumar.

CARLOS — O tempo acostumar! Aí está porque vemos entre nós tantos absurdos. Este tem jeito para sapateiro: pois vá estudar medicina... Excelente médico! Aquele tem vocação para humorista: pois não, senhor, será político... Quer dizer, esse ainda vá lá. Este outro só tem jeito para pedreiro ou pintor de parede: nada, essas ocupações não prestam... Seja diplomata, que borra de tinta tudo que faz. Aquele outro apresenta tendência para o roubo; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isso não se faz: seja tesoureiro de repartição, fiscal, e lá se vão os cofres da nação... Esse outro tem uma grande carga de preguiça e só serviria para serviçal de convento; no entanto, vemos o bom malandro empregado público, comendo o dinheiro da nação com as mãos cruzadas sobre a pança.

EMÍLIA — Tens muita razão; é assim.

CARLOS — Este nasceu para poeta ou escritor, com uma imaginação apaixonada e independente, capaz de grandes coisas, mas não pode seguir a sua vocação, porque poetas e escritores morrem de miséria no Brasil. E assim a necessidade o obriga a ser o funcionário mais inferior em uma repartição pública e copiar cinco horas por dia os papéis mais soníferos. O que acontece?

Logo matam sua inteligência e fazem do homem pensante uma máquina estúpida, e assim se gasta uma vida! É preciso, e já é tempo, que alguém olhe para isso, e alguém que possa mudar as coisas.

EMÍLIA — Quem pode mudar as coisas nem sempre sabe o que se passa entre nós, para poder remediar; é preciso falar.

CARLOS — O respeito e a modéstia prendem muitas línguas, mas virá o dia em que a voz da razão será ouvida, e tanto mais forte quanto mais reprimida.

EMÍLIA — Mas Carlos, hoje estou te desconhecendo...

CARLOS — A situação em que vivo tem me irritado! E como tu queres que eu não fale quando vejo, aqui, um péssimo cirurgião que poderia ser um bom veterinário; ali, um ignorante general que poderia ser excelente enfermeiro; acolá, um jornalista que só serviria para tropeiro, tão desbocado e desaforado que é. Tudo está fora de seus eixos...

EMÍLIA — Mas o que tu queres que se faça?

CARLOS — Que não se tire a liberdade de ninguém, que se estudem os homens e que haja uma proteção bem entendida e esclarecida, e que, sobretudo, se despreze a apadrinhamento, que coloca o jumento nas bancas das academias e amarra o homem de talento na cocheira. Eu, que quisera viver com uma espada na cintura e à frente do meu batalhão, conduzi-lo ao inimigo através da metralha, bradando: “Marcha... (*Manobrando pela sala, entusiasmado.*) Camaradas, coragem, preparar baionetas! Marche, marche! Firmeza, avança! O inimigo está fraco... (*Seguindo Emília, que recua, espantada.*) Avança!”...

EMÍLIA — Primo, primo, que é isso? Fique quieto!

CARLOS, *entusiasmado* — “Avancem, bravos companheiros, viva a Pátria! Viva!” — e voltar vitorioso, coberto de sangue e poeira... Em vez desta vida de agitação e glória, vou ser frade, vestir-me de paciência e humildade, encomendar defuntos... (*Cantando.*) *Requiescat in pace... a porta inferi! amen...*⁷O que vem depois disto? Eu ser um péssimo frade, a desconfiança do convento e a vergonha do hábito que visto. Falta-me a paciência.

EMÍLIA — Paciência, Carlos, eu também preciso ter, e muita. Minha mãe falou que eu vou ser freira de qualquer jeito.

⁷ Em tradução livre: “Descanse em paz...das portas da sepultura. Amém”.

O Noviço

CARLOS — Tu, freira? Também te perseguem?

EMÍLIA — E meu padrasto me ameaça.

CARLOS — Emília, aos cinco anos eu era órfão, e tua mãe, minha tia, foi nomeada por meu pai sua testamenteira e responsável por mim. Cresci contigo nesta casa, e dessa amizade de criança nasceu um sentimento mais forte... Eu te amei, Emília, e tu também me amaste.

EMÍLIA — Carlos!

CARLOS — Vivíamos felizes, esperando o dia de nos unirmos. Estávamos com esses planos quando apareceu este homem, não sei de onde, que soube enganar tua mãe a tal ponto que a fez esquecer-se de seus filhos que tanto amava, de seus interesses, e casar-se pela segunda vez.

EMÍLIA — Desde então nossa vida tem sido uma tormenta...

CARLOS — Obrigaram-me a ser noviço, e, não contentes com isso, querem te fazer freira. Emília, há muito tempo que eu observo este teu padrasto. E sabes qual o resultado de minhas observações?

EMÍLIA — Não.

CARLOS — Que ele é um tremendo de um velhaco.

EMÍLIA — Oh, tens certeza disso?

CARLOS — Tenho! Esta decisão que tomaram, de te fazerem freira, confirma a minha opinião.

EMÍLIA — Explica-te.

CARLOS — Teu padrasto convencia a minha tia a me obrigar a ser frade para assim me roubar, sem que ninguém percebesse, a herança que meu pai me deixou. Um frade não tem direitos...

EMÍLIA — Será?

CARLOS — Ainda mais; querem que tu sejas freira para não te darem o dote, se te casares.

EMÍLIA — Carlos, quem te disse isso? Minha mãe não é capaz!

CARLOS — Tua mãe vive iludida. Ah, se eu pudesse desmascarar este canalha!...

EMÍLIA — Fala baixo!

Cena VIII

Entra Juca.

JUCA — Mana, mamãe está perguntando por você.

CARLOS — De hábito? Ele também?...

JUCA, *correndo para Carlos* — Primo Carlos!

CARLOS, *colocando-o no colo* — Juquinha! Então, prima, tenho ou não razão? Há ou não um plano?

JUCA — Primo, você também é frade? Já lhe deram também um carrinho de prata com cavalos de ouro?

CARLOS — O quê?

JUCA — Mamãe disse que me daria um muito dourado quando eu fosse frade. (*Cantando.*) Eu quero ser frade...

CARLOS, *para Emília* — Ainda tens alguma dúvida? Vê como enganam esta inocente criança!

JUCA — Não enganam, não, primo. Os cavalos andam sozinhos.

CARLOS, *para Emília* — Então?

EMÍLIA — Meu Deus!

CARLOS — Deixa o caso por minha conta. Vou fazer um barulho de todos os diabos, vocês verão...

EMÍLIA — Calma!

CARLOS — Deixa comigo. Adeus, Juquinha, vai para dentro com tua irmã. (*Bota-o no chão.*)

JUCA — Vamos, mana. (*Sai cantando.*) Eu quero ser frade... (*Emília o segue.*)



Cena IX

CARLOS, só — Vou descobrir algum meio... Ah, se vou! Ensinarei a este canalha, que se casou com minha tia para comer não só a sua fortuna, como a de seus filhos. Que belo padrasto!... Mas por agora tratemos de mim; sem dúvida no convento anda tudo agitado... A cabeçada foi boa! O Dom Abade deu um salto de trampolim... (*Batem à porta.*) Alguém está batendo? Mau! Serão eles? (*Batem.*) Vamos observar pelo buraco da fechadura. (*Vai observar.*) É uma mulher... (*Abre a porta.*)

Cena X

Rosa e Carlos.

ROSA — Dá licença?

CARLOS — Entre.

ROSA, *entrando* — Ao seu dispor, Vossa Reverendíssima.

CARLOS — Com quem tenho o prazer de falar?

ROSA — Eu, Reverendíssimo Senhor, sou uma pobre mulher. Ai, estou muito cansada...

CARLOS — Pois sente-se, senhora. (*À parte.*) Quem será?

ROSA, *sentando-se* — Eu me chamo Rosa. Há uma hora que cheguei do Ceará no navio Paquete do Norte.

CARLOS — Estava **tranquilo** por lá?

ROSA — Muito **tranquilo**, Reverendíssimo. No mês passado houve apenas vinte e cinco mortes.

CARLOS — São Brás! Vinte e cinco mortes! E chama isso de **tranquilidade**?

ROSA — Se Vossa Reverendíssima soubesse como é por lá, não se admiraria. Mas, meu senhor, isto não é da nossa conta; deixe morrer quem morre, que ninguém se importa com isso. Vossa Reverendíssima é da casa?

CARLOS — Sim, senhora.

ROSA — Então é parente de meu homem?

CARLOS — De seu homem?

ROSA — Sim, senhor.

CARLOS — E quem é seu homem?

ROSA — O Sr. Ambrósio Nunes.

CARLOS — O Sr. Ambrósio Nunes!...

ROSA — Somos casados há oito anos.

CARLOS — A senhora é casada com o Sr. Ambrósio Nunes, e isto há oito anos?

ROSA — Sim, senhor.

CARLOS — Sabe o que está dizendo?

ROSA — Essa é boa!

CARLOS — Está em seu perfeito juízo?

ROSA — O Reverendíssimo me ofende...

CARLOS — Que sorte! Conte-me isso, conte-me — como se casou, quando, como, em que lugar?

ROSA — O lugar foi na igreja.

CARLOS — Eu já imaginava.

ROSA — Quando, já disse; há oito anos.

CARLOS — Mas onde?

ROSA *se levanta* — Eu digo a Vossa Reverendíssima. Sou filha do Ceará. Tinha meus quinze anos quando apareceu lá, vindo do Maranhão, o Sr. Ambrósio. Foi morar na nossa vizinhança. Vossa Reverendíssima bem sabe o que são vizinhanças... Eu o via todos os dias, ele também me via; eu gostei, ele gostou, e nos casamos.

CARLOS — Isso foi ligeiro... E tem documentos que provem o que diz?

ROSA — Sim, senhor, trago comigo a certidão do vigário que nos casou, assinada pelas testemunhas, e pedi logo duas, por via das dúvidas. Podia perder uma...

CARLOS — Continue.

ROSA — Vivi dois anos com meu marido muito bem. Passado esse tempo, morreu minha mãe. O Ambrósio tomou conta de nossos bens, vendeu-os e partiu para Montevideu a fim de empregar o dinheiro em um negócio, no qual, segundo dizia, iríamos ganhar muito. Isso já tem uns seis anos; mas, desde então, Reverendíssimo Senhor, não soube mais notícias dele.

CARLOS — Oh!

ROSA — Escrevi-lhe sempre, mas nada de receber resposta. Chorei muito, porque pensei que ele tinha morrido.

O Noviço

CARLOS — A história é interessante, continue.

ROSA — Eu já estava desenganada, quando um sujeito aqui do Rio me disse que meu marido ainda vivia e que morava aqui.

CARLOS — E nada mais lhe disse?

ROSA — Vossa Reverendíssima vai se espantar com o que eu disser...

CARLOS — Não me espanto, diga.

ROSA — O sujeito acrescentou que meu marido tinha se casado com outra mulher.

CARLOS — Ah, ele disse isso?

ROSA — E eu chorei muito, Reverendíssimo; mas depois pensei que era impossível, pois um homem pode lá se casar tendo a mulher viva? Não é verdade, Reverendíssimo?

CARLOS — A bigamia é um grande crime; a Lei é muito clara.

ROSA — Mas, na dúvida, tirei as certidões do meu casamento, parti para o Rio e, assim que desembarquei, perguntei onde ele morava. Ensinaaram-me, e eu mesma venho perguntar a ele que história é essa de casamento.

CARLOS — Pobre mulher, Deus tenha piedade de ti!

ROSA — Então é verdade?

CARLOS — Filha, a conformação é uma grande virtude. A senhora confia em mim e seguirá meus conselhos?

ROSA — Sim, senhor, mas o que eu tenho a temer? Meu marido está com efeito casado?

CARLOS — Dê-me aqui uma das certidões.

ROSA — Mas...

CARLOS — Confia ou não em mim?

ROSA — Aqui está. (*Dá a Carlos uma das certidões.*)

AMBRÓSIO, *dentro* — Desçam, desçam, que já passamos da hora.

CARLOS — Aí vem ele.

ROSA — Meu Deus!

CARLOS — Coloco-a debaixo da minha proteção. Venha cá; entre neste quarto.

ROSA — Mas, Reverendíssimo...

CARLOS — Entre, entre, senão abandono-a. (*Rosa entra no quarto à esquerda, e Carlos fecha a porta.*)



Cena XI

CARLOS, só — Que sorte, ou, antes, que canalhice! Que tal? Casado com duas mulheres! Oh, mas a Lei é muito clara... Agora verás como se rouba e se obriga a ser frade.

Cena XII

Entra Ambrósio de casaca, seguido de Florência e Emília, ambas de véu de renda preta sobre a cabeça.

AMBRÓSIO, *entrando* — Andem, andem! Puxa, essas mulheres fazem perder a paciência quando estão se vestindo!

FLORÊNCIA, *entrando* — Estamos prontas.

AMBRÓSIO, *vendo Carlos* — Oh, que fazes aqui?

CARLOS *começa a passear pela sala de um para outro lado* — Não está vendo? Estou passeando; divertindo-me.

AMBRÓSIO — Como é isso?

CARLOS, *do mesmo modo* — Não é da sua conta.

FLORÊNCIA — Carlos, que modos são esses?

CARLOS — Que modos são? São os meus.

EMÍLIA, *à parte* — Ele perdeu a razão!

FLORÊNCIA — Estás doido?

CARLOS — Doido estava alguém quando... Não me faça falar...

FLORÊNCIA — Hã?

AMBRÓSIO — Deixe-o comigo. (*Para Carlos.*) Por que saíste do convento?

CARLOS — Porque quis. Então, não posso ter vontade?

AMBRÓSIO — Isso veremos. Já para o convento!

CARLOS, *rindo com força* — Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO — E ainda ri?

FLORÊNCIA, *ao mesmo tempo* — Carlos!

EMÍLIA — Primo!

CARLOS — Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO, *enfurecido* — Mais uma vez, obedeça ou...

CARLOS — Que cara! Ah, ah! (*Ambrósio corre para cima de Carlos.*)

FLORÊNCIA, *metendo-se no meio* — Ambrosinho!

AMBRÓSIO — Deixe-me ensinar a este malcriado...

O Noviço

CARLOS — Largue-o, tia, não tenha medo.

EMÍLIA — Carlos!

FLORÊNCIA — Sobrinho, o que é isso?

CARLOS — Está bom, não se preocupem tanto, voltarei para o convento.

AMBRÓSIO — Ah, já?

CARLOS — Já, sim, senhor; quero mostrar a minha obediência.

AMBRÓSIO — E ai se não fosse...

CARLOS — Causaria desgosto ao senhor? Que desgraça!...

FLORÊNCIA — Vais começar?

CARLOS — Não, senhora, quero dar uma prova de submissão ao senhor meu tio... É, meu tio, é... Casado pela segunda vez com minha tia... Quero dizer, minha tia é que se casou pela segunda vez.

AMBRÓSIO, *assustando-se, à parte* — O que ele diz?

CARLOS, *que o observa* — Não há dúvida...

FLORÊNCIA, *para Emília* — O que este rapaz tem hoje?

CARLOS — Não é assim, senhor meu tio? Venha cá, faça-me o favor, senhor meu tio. (*Agarrando-o pelo braço.*)

AMBRÓSIO — Tira as mãos.

CARLOS — Ora, faça-me o favor, senhor meu tio, quero lhe mostrar uma coisa; depois farei o que quiser. (*Levando-o para a porta do quarto.*)

FLORÊNCIA — O que é isto?

AMBRÓSIO — Deixa-me!

CARLOS — Um instante. (*Segurando Ambrósio com uma mão, com a outra empurra a porta e aponta para dentro, dizendo.*) Vê!

AMBRÓSIO, *olhando com atenção* — Oh! (*Volta para junto de Florência e de Emília, e as pega de maneira descontrolada pelo braço.*) Vamos, vamos, está na hora!

FLORÊNCIA — O que é?

AMBRÓSIO, *se esforçando para sair e levar as duas consigo* — Vamos, vamos!

FLORÊNCIA — Sem chapéu?

AMBRÓSIO — Vamos, vamos! (*Sai, levando-as.*)

CARLOS — Então, senhor meu tio? Não quer mais que eu vá para o convento? (*Depois que ele sai.*) Senhor meu tio, senhor meu tio? (*Vai à porta, gritando.*)

Cena XIII

Carlos, só, e depois Rosa.

CARLOS, *rindo* — Ah, ah, ah, agora veremos, e tu vais me pagar... E minha tia também terá de pagar, para não se casar na sua idade e ser tão assanhada. E o menino, que não se contentava com uma!...

ROSA, *entrando* — Então, Reverendíssimo?

CARLOS — Então?

ROSA — Eu vi meu marido um instante, e ele fugiu. Ouvi vozes de mulher...

CARLOS — Ah, ouviu? Muito me admira. E sabe de quem eram essas vozes?

ROSA — Eu tremo em adivinhar...

CARLOS — Pois adivinhe logo... Eram da mulher de seu marido.

ROSA — Então é verdade? Desleal, traidor! Ah, desgraçada! (*Vai cair desmaiada e Carlos a segura nos braços.*)

CARLOS — Desmaiada! Sra. Dona Rosa? Que fiz! Esta é



mesmo obra de frade... Senhora, volte a si, deixe desses ataques! Olhe que aqui não tem ninguém que a socorra. Nada! E essa agora? Ó, Juquinha? Juquinha? (*Juca entra, trazendo em uma mão um apito de palha e tocando em outro.*) Deixa esses apitos sobre a mesa e vai lá dentro buscar alguma coisa para esta moça cheirar.

JUCA — Mas o quê, primo?

CARLOS — A primeira coisa que encontrares. (*Juca larga os apitos na mesa e sai correndo.*) Isto está muito bonito! Um frade com uma moça desmaiada nos braços. Valha-me, Santo Antônio! O que diriam, se me vissem assim? (*Gritando no ouvido dela.*) Olá! — Nada.

JUCA *entra montado a cavalo em um arco de pipa, trazendo um galheteiro*⁸ — Vim a cavalo para chegar mais depressa. Está aqui o que achei.

CARLOS — Um galheteiro, menino?

JUCA — Não achei mais nada.

CARLOS — Está bom, dá aqui o vinagre. (*Toma o vinagre e o coloca ao nariz de Rosa.*) Não serve; está na mesma. Toma. Vejamos se o azeite faz mais efeito. Isto parece uma salada... Azeite e vinagre. Ainda está mal temperada; venha a pimenta da Índia. Agora creio que não falta nada. Pior é isso; a salada ainda não está boa! Ai, é que não tem sal. Bravo, está temperada! Venha mais sal... Agora sim.

ROSA, *tornando a si* — Onde eu estou?

CARLOS — Nos meus braços.

ROSA, *afastando-se* — Ah, Reverendíssimo!

CARLOS — Não se assuste. (*Para Juca.*) Vai para dentro. (*Juca sai.*)

ROSA — Agora me lembro... Desleal, ingrato!

CARLOS — Não desmaie de novo, que não posso mais.

ROSA — Enganar-me desse jeito! Não há leis, não há justiça?...

CARLOS — Há tudo isso, e de sobra. O que não há é quem as execute. (*Rumor na rua.*)

ROSA, *assustando-se* — Ah!

CARLOS — O que será isto? (*Vai à janela.*) Ah, essa não!

⁸Recipiente onde se colocam potinhos de sal, pimenta-do-reino e outros condimentos.

O Noviço

(*À parte.*) O mestre de noviços seguido de oficiais de justiça que me procuram... Não escapo...

ROSA — O que é, Reverendíssimo? Por que se assusta?

CARLOS — Não é nada. (*À parte.*) Estou encrocado! (*Chega à janela.*) Estão perguntando na vizinhança... O que farei?

ROSA — Mas o que é? O quê?

CARLOS, *batendo na testa* — Oh, já sei... (*Para Rosa.*) Sabe o que é isto?

ROSA — Diga.

CARLOS — É um grupo de soldados e oficiais que vem prendê-la por ordem de seu marido.

ROSA — Jesus! Salve-me, salve-me!

CARLOS — Vou salvá-la; mas faça o que eu disser.

ROSA — Estou pronta.

CARLOS — Os oficiais entrarão aqui e levarão à força alguma coisa — esse é o costume. O que é preciso é enganá-los.

ROSA — E como?

CARLOS — Vestindo na senhora o meu hábito, e eu o seu vestido.

ROSA — Oh!

CARLOS — Vão me levar preso; a senhora terá tempo de fugir.

ROSA — Mas...

CARLOS — Tá, tá, tá... Ande, deixe-me fazer uma obra de caridade; para isso é que somos frades. Entre neste quarto, tire o seu vestido e me dê, assim como a touca e xale. Ó, Juca? Juca? (*Empurrando Rosa para dentro do quarto.*) Não demore. (*Entra Juca.*) Juca, acompanha esta senhora e faz o que ela te mandar. Ande, senhora, com mil diabos! (*Rosa entra no quarto à esquerda, empurrada por Carlos.*)

Cena XIV

CARLOS, *só* — Bravo, golpe de mestre! (*Chegando à janela.*) Lá estão eles conversando com o vizinho do armarinho. Não demorarão a encontrar o rato na ratoeira, mas o rato é esperto e os enganará. Então, vem o vestido?

ROSA, *dentro* — Já vai.

CARLOS — Depressa! O que me salva é ser o mestre de noviços quase cego e trazer óculos. Cairá na armadilha. (*Gritando.*) Vem ou não?

JUCA *traz o vestido, a touca e o xale* — Está aqui.

CARLOS — Bom. (*Tira o hábito.*) Ora vamos, senhor hábito. Bem se diz que o hábito não faz o monge. (*Dá o hábito e o chapéu a Juca.*) Toma, dá à moça. (*Juca sai.*) Agora é que são elas... Isto é a manga? Diabo, por onde se enfia esta geringonça? Creio que é por aqui... Bravo!, acertei. Belíssimo! Agora a touca. (*Põe a touca.*) Vamos ao xale... Estou elegante; creio que farei a minha parte de mulher muito bem. (*Batem na porta.*) São eles. (*Com voz de mulher.*) Quem é?

MESTRE, *dentro* — Um servo de Deus.

CARLOS, *com a mesma voz* — Pode entrar.

Cena XV

Carlos, Mestre de Noviços e três oficiais de justiça.

MESTRE — Deus esteja nesta casa.

CARLOS — Humilde serva de Vossa Reverendíssima...

MESTRE — Minha senhora, terá a bondade de me perdoar pelo incômodo que lhe damos, mas nosso dever...

CARLOS — Incômodo, Reverendíssimo Senhor?

MESTRE — Vossa Senhoria me permite perguntar se o noviço Carlos, que fugiu do convento...

CARLOS — Psiu, silêncio!

MESTRE — Hein?

CARLOS — Está ali...

MESTRE — Quem?

CARLOS — O noviço...

MESTRE — Ah!

CARLOS — É preciso surpreendê-lo...

MESTRE — Estes senhores oficiais de justiça nos ajudarão.

CARLOS — Muito cuidado. Este meu sobrinho me dá um trabalho...

MESTRE — Ah, a senhora é tia dele?

CARLOS — À sua disposição.

MESTRE — Muita satisfação.

CARLOS — Não percamos tempo. Fiquem os senhores aqui do lado da porta, calados; eu chamarei o sobrinho. Assim que ele sair, não lhe deem tempo de fugir; pulem sobre ele e levem-no à força.

MESTRE — Muito bem.

CARLOS — Diga ele o que disser, grite como gritar, não deem ouvidos, arrastem-no.

MESTRE — Vamos lá.

CARLOS — Fiquem aqui. (*Coloca-os junto à porta da esquerda.*) Atenção. (*Chamando para dentro.*) Psiu! Psiu! Venha cá para fora, devagarinho!

Cena XVI

Os mesmos e Rosa vestida de frade e chapéu na cabeça.

ROSA, *entrando* — Já se foram? (*Assim que ela aparece, o Mestre e os oficiais pulam sobre ela e procuram carregá-la até fora do quarto.*)

MESTRE — Está preso. Vai ter que ir. É inútil resistir. Não se foge mais...

ROSA, *sempre lutando* — Ai, ai, ajudem-me! Deixem-me! Quem me socorre?

CARLOS — Levem-no, levem-no. (*Confusão de vozes; todos falam ao mesmo tempo. Carlos, para aumentar o ruído, toma um apito de palha que está sobre a mesa e toca. Juca também entra nessa ocasião. Execução.*)

FIM DO PRIMEIRO ATO

ATO SEGUNDO

A mesma sala do primeiro ato.

Cena I

Carlos, ainda vestido de mulher, está sentado, e Juca à janela.

CARLOS — Juca, presta atenção; assim que avistares teu padraсто lá no fim da rua, avisa-me.

JUCA — Sim, primo.

CARLOS — No que dará tudo isto? Qual será a sorte de minha tia? Que lição! Tudo está andando em muita pancadaria. E a outra, que foi para o convento?... Ah, ah, ah, agora é que me lembro disso! Que confusão vai haver entre os frades quando ela for descoberta! (*Levantando-se.*) Ah, ah, ah, parece-me que estou vendo o D. Abade horrorizado, o Mestre de Noviços limpando os óculos de boca aberta, Frei Maurício, o brincalhão, rindo às gargalhadas, Frei Sinfrônio, o rigoroso, levantando os olhos para o céu abismado, e os noviços todos fazendo roda, coçando o pescoço. Ah, que festa vou perder! Enquanto eu estive lá ninguém se lembrou de me dar um divertimento desse. Estúpidos! Mas, o fim de tudo isto? O fim?...

JUCA, *da janela* — Primo, aí vem ele!

CARLOS — Já? (*Chega à janela.*) É verdade. E com que pressa! (*Para Juca.*) Vai para dentro. (*Juca sai.*) E eu ainda deste modo, com este vestido... O que devo fazer?... Sobe a escada... Dê no que der... (*Entra no quarto onde esteve Rosa.*)



SCHASSER

Cena II

Entra Ambrósio, demonstrando alguma agitação.

AMBRÓSIO — Deixei-as no Carmo, distraídas com o ofício, não darão falta de mim. É preciso, e o quanto antes, que eu fale com esta mulher. É ela, não há dúvida... Mas como soube que eu aqui estava? Quem lhe disse? Quem a trouxe? Foi o diabo, para a minha perdição. Em um momento tudo pode mudar; não posso perder tempo. (*Chega à porta do quarto.*) Senhora, queira ter a bondade de vir aqui para fora.

Cena III

Entra Carlos, cobrindo o rosto com um lenço. Ambrósio se encaminha para o meio da sala, sem olhar para ele, e assim lhe fala.

AMBRÓSIO — Senhora, conheço muito bem tuas intenções; porém, aviso que estás muito enganada.

CARLOS, *suspirando* — Ai, ai!

AMBRÓSIO — Faz seis anos que te deixei; tive motivos muito fortes para isso...

CARLOS, *à parte* — Que canalha!

AMBRÓSIO — E o meu silêncio depois desse tempo devia ter feito a senhora conhecer que nada mais existe entre nós.

CARLOS, *fingindo que chora* — Hi, hi, hi...

AMBRÓSIO — O choro não me comove. Jamais podemos viver juntos... Fomos casados, é verdade, mas que importa?

CARLOS, *no mesmo* — Hi, hi, hi...

AMBRÓSIO — Estou resolvido a viver separado da senhora.

CARLOS, *à parte* — E eu também...

AMBRÓSIO — E, para isso, empreguei todos os meios,

O Noviço

todos, estás entendendo? (*Carlos cai de joelhos aos pés de Ambrósio e agarra-se às pernas dele, chorando.*) Súplicas não adiantam. Hoje mesmo deixarás esta cidade; senão, serei capaz de um grande crime. O sangue não me dá medo, e ai de quem se opõe a mim! Levanta e vai embora. (*Carlos puxa as pernas de Ambrósio, derruba-o no chão e levanta-se, rindo.*) Ai!

CARLOS — Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO *levanta-se muito devagar, olhando admirado para Carlos, que ri* — Carlos! Carlos!

CARLOS — Senhor meu tio! Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO — Mas o que é isto?

CARLOS — Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO — Como estás aqui, vestido assim?

CARLOS — Este vestido, senhor meu tio... Ah, ah!

AMBRÓSIO — Canalha!

CARLOS — Controle-se! Olhe que eu chamo por ela.

AMBRÓSIO — Ela quem, malandro?

CARLOS — Sua primeira mulher.

AMBRÓSIO — Minha primeira mulher? Mentira.

CARLOS — Mentira?

AMBRÓSIO — É.

CARLOS — E será também mentira esta certidão do vigário da paróquia de... (*Olhando para a certidão.*) Maranguape, no Ceará, que prova que o senhor meu tio recebeu... (*lendo.*) em santo matrimônio, diante da Igreja, Dona Rosa Escolástica, filha de Antônio Lemos, etc., etc.? Sendo testemunhas, etc.

AMBRÓSIO — Dá-me esse papel!

CARLOS — Devagar...

AMBRÓSIO — Dá-me esse papel!

CARLOS — Ah, o senhor meu tio está se irritando. Olhe que a tia não está em casa, e eu sou capaz de lhe fazer o mesmo que fiz ao Dom Abade.

AMBRÓSIO — Onde ela está?

CARLOS — Em lugar que aparecerá quando eu mandar.

AMBRÓSIO — Ainda está naquele quarto; não teve tempo de sair.

CARLOS — Pois vá ver. (*Ambrósio sai apressado.*)

Cena IV

CARLOS, só — Procure bem. Deixa estar, espertalhão, que agora eu vou apertar a corda na tua garganta. Estás em meu poder; queres nos roubar... (*Gritando.*) Procure bem; talvez esteja dentro das gavetinhas da penteadeira. Então? Achou?

Cena V

O mesmo e Ambrósio.

AMBRÓSIO, *entrando* — Estou perdido!

CARLOS — Não achou?

AMBRÓSIO — O que será de mim?

CARLOS — Talvez deva se esconder em algum buracinho de rato.

AMBRÓSIO, *caindo sentado* — Estou perdido, perdido! Em um momento tudo se transformou. Perdido para sempre!

CARLOS — Ainda não, porque eu posso salvá-lo.

AMBRÓSIO — Tu?

CARLOS — Eu, sim.

AMBRÓSIO — Carlinho!

CARLOS — Já?

AMBRÓSIO — Carlinho!

CARLOS — Ora vejam como está carinhoso!

AMBRÓSIO — Por tua vida, salva-me!

CARLOS — Eu salvarei, mas debaixo de certas condições...



AMBRÓSIO — E quais são elas?

CARLOS — Nem eu nem o primo Juca queremos ser frades...

AMBRÓSIO — Não serão.

CARLOS — Quero me casar com minha prima...

AMBRÓSIO — Casarás.

CARLOS — Quero a minha parte da herança...

AMBRÓSIO — Terás a tua parte.

CARLOS — Muito bem.

AMBRÓSIO — E tu me prometes que não dirás nada à tua tia do que sabes?

CARLOS — Quanto a isso, pode estar certo. (*À parte.*) Veremos...

AMBRÓSIO — Agora me diz onde ela está?

CARLOS — Não posso, o segredo não é meu.

AMBRÓSIO — Mas me dá a tua palavra de honra que ela saiu desta casa?

CARLOS — Já saiu, palavra de mulher honrada.

AMBRÓSIO — E que nunca mais voltará?

CARLOS — Nunca mais. (*À parte.*) Isto é, se quiserem ficar com ela lá no convento, em meu lugar.

AMBRÓSIO — Agora me dá esse papel.

CARLOS — Espere aí; o negócio não funciona assim. Primeiro as condições devem ser cumpridas.

AMBRÓSIO — Carlinho, dá-me esse papel!

CARLOS — Não pode ser.

AMBRÓSIO — Dá-me, não seja mau!

CARLOS — Pior é a seca.

AMBRÓSIO — Coloco-me a teus pés. (*Ajoelha-se; nesse mesmo tempo aparece à porta Florência e Emília, que caminham vagarosamente para ele.*)

CARLOS — Isso é teima, levante-se.

AMBRÓSIO — Não me levantarei enquanto não me deres o papel. Para que tu o queres? Farei tudo o que quiseres, nada me custará, para te servir. Minha mulher fará tudo o que mandares; pode contar com ela.

FLORENCIA — A senhora pode contar comigo, pois não...

AMBRÓSIO — Ah! (*Levanta-se apavorado.*)

CARLOS, *à parte* — Tenho medo dela!...

FLORENÇIA, *para Ambrósio* — Que palhaçada é essa? Em minha casa e nas minhas barbas, aos pés de uma mulher! Muito bem!

AMBRÓSIO — Florência!

FLORENÇIA — Um raio que te parta! (*Voltando-se para Carlos.*) E quem é a senhora?

CARLOS, *com a cara baixa* — Sou uma desgraçada!

FLORENÇIA — Ah, é uma desgraçada... Seduzindo um homem casado! Não sabe que... (*Carlos a encara, e ela rapidamente para de falar e, assombrada, começa a olhar para ele, que ri.*) Carlos! Meu sobrinho!

EMÍLIA — O primo!

CARLOS — Sim, tiazinha; sim, priminha.

FLORENÇIA — Que disfarce é esse?

CARLOS — É uma comédia que ensaiávamos para sábado de Aleluia.

FLORENÇIA — Uma comédia?

AMBRÓSIO — Sim, era uma comédia, um divertimento, uma surpresa. Eu e o sobrinho preparávamos isso... Uma coisa sem importância, não é, Carlinho? Mas então vocês não ouviram o ofício até o fim? Quem pregou?

FLORENÇIA, *à parte* — Isto não é natural... Tem alguma coisa errada.

AMBRÓSIO — A nossa comédia era mesmo sobre isso.

FLORENÇIA — O que o senhor está dizendo?

CARLOS, *à parte* — Perdeu a cabeça. (*Para Florência.*) Tia, basta que saiba que era uma comédia. E antes de começar o ensaio o tio me deu a sua palavra que eu não seria frade. Não é verdade, tio?

AMBRÓSIO — É verdade. O rapaz não tem vocação, e para que obrigá-lo? Seria crueldade.

FLORENÇIA — Ah!

CARLOS — E que a prima não seria também freira, e que se casaria comigo.

FLORENÇIA — É verdade, Ambrósio?

AMBRÓSIO — Sim, por que cortar a liberdade destas duas almas? Nasceram um para o outro; amam-se. É tão bonito

ver um par tão lindo!

FLORENCIA — Mas, Ambrósio, e o mundo, que o senhor dizia que era um abismo, um precipício e não sei o que mais?

AMBRÓSIO — Oh, eu não sabia que estes dois pombinhos se amavam, mas agora que sei seria uma barbaridade horrível. Quando as portas de um convento se fecham sobre um homem, ou sobre uma mulher que leva dentro do peito uma paixão como esta que sentem estes dois inocentes, o convento torna-se abismo sem tamanho de males terríveis, fonte eterna de horríveis desgraças, perdição do corpo e da alma; e o mundo seria, se neles ficassem, um jardim agradável, suave encanto da vida, **tranquila** paz da inocência, paraíso terrestre. E sendo assim, mulher, tu sacrificarias tua filha e teu sobrinho?

FLORENCIA — Oh, não, não.

CARLOS, *à parte* — Que grande enrolador!

AMBRÓSIO — Tua filha, que faz parte de ti?

FLORENCIA — Não falemos mais nisso. O que fizeste está muito **benfeito**.

CARLOS — E, em reconhecimento de tanta bondade, deixo metade dos meus bens em favor do senhor meu tio e aqui lhe dou a escritura. (*Dá-lhe a certidão de Rosa.*)

AMBRÓSIO, *saltando para tomar a certidão* — Caro sobrinho! (*Abraça-o.*) E eu, para mostrar o meu desinteresse, rasgo esta escritura. (*Rasga e, à parte.*) Ufa!

FLORENCIA — Homem generoso! (*Abraça-o.*)

AMBRÓSIO, *abraçando-a e à parte* — Mulher mais besta!

CARLOS, *abraçando Emília* — Isto virou um círculo...

EMÍLIA — Primo!

CARLOS — Primitinha, seremos felizes!

FLORENCIA — Abençoada seja a hora em que eu te escolhi para meu esposo! Meus caros filhos, aprendam comigo a seguir na vida com cuidado. Estive viúva por dois anos e não me faltaram pretendentes. Viúva rica... Ah, são vinte cães disputando um osso. Mas eu tive juízo e soube distinguir o amante interesseiro do amante sincero. Meu coração falou por este homem honrado e honesto.

CARLOS — Escolha muito acertada!

FLORENCIA — Chega para cá, Ambrosinho, não fique com vergonha; mereces os elogios que te faço.



AMBRÓSIO, *à parte* — Estou em brasa...

CARLOS — Não se envergonhe, tio, os elogios são merecidos. (*À parte.*) Está em apuros...

FLORÊNCIA — Estás ouvindo o que diz o sobrinho? Tens modéstia? É mais uma qualidade. Como sou feliz!

AMBRÓSIO — Acabemos com isso. Os elogios assim à queima-roupa me perturbam.

FLORÊNCIA — Se os mereces...

AMBRÓSIO — Embora.

CARLOS — Oh, o tio os merece, sim. Olhe, tia, eu aposto que o tio Ambrósio em toda a sua vida só tem amado a senhora...

AMBRÓSIO — Claro! (*À parte.*) Quer aprontar alguma comigo.

FLORÊNCIA — Ai, vida da minha alma!

AMBRÓSIO, *à parte* — O canalha é muito capaz...

CARLOS — Mas nós, os homens, somos tão falsos — assim dizem as mulheres —, que não admira que o tio...

AMBRÓSIO, *interrompendo-o* — Carlos, vamos tratar da promessa que te fiz.

CARLOS — É verdade; vamos tratar da promessa. (*À parte.*) Tem tanto medo que se pela!

AMBRÓSIO — Vou hoje mesmo ao convento falar com o D. Abade e direi que mudamos de opinião a teu respeito. E, de hoje a quinze dias, senhora, espero ver esta sala brilhantemente iluminada e cheia de alegres convidados para celebrarem o casamento de nosso sobrinho Carlos com minha cara enteada. (*Aqui entra pelo fundo o Mestre dos noviços, seguido dos oficiais e outros funcionários da Justiça, encaminhando-se para a frente do teatro.*)

CARLOS — Enquanto tuas atitudes forem assim, terás em mim um amigo.

EMÍLIA — Senhor, ainda que não possa explicar a razão desta mudança tão súbita, aceito a felicidade que me propões, sem pensar no assunto. Darei a minha mão a Carlos, não só para obedecer a minha mãe, mas porque o amo muito.

CARLOS — Cara priminha, quem será capaz agora de arrancar-me de teus braços?

MESTRE, *batendo-lhe no ombro* — Estás preso. (*Espanto dos que estão em cena.*)

Cena VI

CARLOS — O que é isso? (*Debatendo-se logo que o agarram.*)

MESTRE — Levem-no.

CARLOS — Deixem-me!

FLORÊNCIA — Reverendíssimo, meu sobrinho...

MESTRE — Paciência, senhora. Levem-no.

CARLOS, *debatendo-se* — Larguem-me, com todos os diabos!

EMÍLIA — Primo!

MESTRE — Arrastem-no.

AMBRÓSIO — Mas, senhor...

MESTRE — Um instante... Para o convento, para o convento.

CARLOS — Minha tia, tio Ambrósio! (*Sai arrastado. Emília cai sentada em uma cadeira; o padre-mestre fica em cena.*)

Cena VII

Ambrósio, Mestre de Noviços, Florência e Emília.

FLORÊNCIA — Mas, senhor, isto é uma violência!

MESTRE — Paciência...

FLORÊNCIA — Paciência, paciência? Creio que tenho tido bastante. Ver arrastar meu sobrinho assim, como se fosse um criminoso?

AMBRÓSIO — Espera, Florência, vamos ouvir o Reverendíssimo. Foi, sem dúvida, por ordem do Sr. Dom Abade que Vossa Reverendíssima veio prender nosso sobrinho?

MESTRE — Não teria feito tal trabalho, se não fosse ordem expressa do Dom Abade, a quem todos nós devemos obediência. Vá ouvindo como esse moço zombou de seu mestre. A tal senhora me disse, pois eu achava que ela... Ora, foi fácil me enganar... Além de não ver muito bem, conheço pouco de senhoras...

AMBRÓSIO — Sabemos disso.

MESTRE — A tal senhora me disse que o noviço Carlos estava naquele quarto.

AMBRÓSIO — Naquele quarto?

MESTRE — Sim, senhor, e ali nos mandou esperar em silêncio. Chamou pelo noviço, e assim que ele saiu nos lançamos sobre ele e à força o arrastamos para o convento.

AMBRÓSIO, *assustado* — Mas a quem, senhor, a quem?

MESTRE — A quem?

FLORÊNCIA — Que trapalhada é essa?

AMBRÓSIO — Depressa!

MESTRE — Cheguei ao convento, apresentei-me diante do D. Abade, com o noviço prisioneiro, e então... Ah!

AMBRÓSIO — Por Deus, fala logo!

MESTRE — Ainda fico vermelho de vergonha. Então vi que tinha sido enganado de forma desprezível.

AMBRÓSIO — Mas quem era o noviço preso?

MESTRE — Uma mulher vestida de frade.

FLORÊNCIA — Uma mulher?

AMBRÓSIO, *à parte* — É ela!

MESTRE — Que vergonha, que escândalo!

AMBRÓSIO — Mas onde está essa mulher? Para onde foi? O que disse? Onde está? Responda!

MESTRE — Tenha paciência. É quase impossível contar a confusão em que por alguns instantes esteve o convento. O Dom Abade, ao conhecer que o noviço preso era uma mulher, pelos longos cabelos que, ao tirar o chapéu, lhe caíram sobre os ombros, deu um grito de horror. Toda a comunidade correu, e a confusão foi grande. Um gritava: Sacrilégio! Profanação! Outro ria; este perguntava; aquele respondia coisas sem nexos... Em menos de dois segundos a notícia percorreu todo o convento, mas alterada e aumentada. No refeitório se dizia que o diabo estava no coro, dentro do órgão; na cozinha achavam que o fogo estava nos quatro cantos do edifício; uns pensavam que Dom Abade tinha caído torre abaixo; outros, que fora levado de repente para o céu. Os sineiros, correndo para as torres, puxavam como possuídos pelas cordas dos sinos; os porteiros fecharam as portas com horrível estrondo: as orações soaram de todos os lados, e a algazarra dos noviços dominava esse ruído infernal, causado por uma única mulher. Oh, mulheres!

AMBRÓSIO — Vossa Reverendíssima faz o seu dever; estou certo disso.

FLORENCIA — Mas achamos necessário declarar a Vossa Reverendíssima que estamos resolvidos a tirar nosso sobrinho do convento.

MESTRE — Eu não tenho nada com essa decisão. Vossa Senhoria deve se entender a esse respeito com o Dom Abade.

FLORENCIA — O rapaz não tem vocação nenhuma para frade.

AMBRÓSIO — E seria uma crueldade violentar sua verdadeira vocação.

MESTRE — O dia em que o Sr. Carlos sair do convento será para mim um dia de descanso. Há doze anos que sou mestre de noviços e ainda não tive rapaz mais endiabrado para doutrinar. Não se passa um só dia em que não se lamente alguma travessura desse moço. Os noviços, seus companheiros, os irmãos leigos e os domésticos do convento têm medo dele como têm medo de um touro bravo. Zomba com todos e espanca-os.

FLORENCIA — Foi sempre assim, desde pequeno.

MESTRE — E, se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida que requer uma alma **tranquila**?

FLORENCIA — Oh, não fui eu; meu marido é que me convenceu.

AMBRÓSIO, *com hipocrisia* — Achei que assim faria um serviço agradável a Deus.

MESTRE — Deus, senhores, não se satisfaz com o sacrifício dos outros. Sirva-o cada um com seu corpo e alma, porque cada um responderá pelas suas obras.

AMBRÓSIO, *com hipocrisia* — Pequei, Reverendíssimo, pequei; peço perdão humildemente.

MESTRE — Esse moço foi violentamente obrigado, e o resultado é a confusão em que está a casa de Deus.

FLORENCIA — Mil perdões, Reverendíssimo, pelo incômodo que lhe temos dado.

MESTRE — Incômodos? Nós nascemos para eles... Passam despercebidos e ficam dentro dos muros do convento. Mas hoje houve escândalo, e escândalo público.

AMBRÓSIO — Escândalo público?

FLORENCIA — Como assim?

MESTRE — O noviço Carlos, depois de uma discussão com o Dom Abade, deu-lhe uma cabeçada que o derrubou.



O Noviço

FLORÊNCIA — Jesus, Maria, José!

AMBRÓSIO — Que sacrilégio!

MESTRE — E fugiu do merecido castigo. Fui mandado para pegá-lo... Pedi força pública e, chegando aqui, encontrei uma senhora.

FLORÊNCIA — Aqui, uma senhora?

MESTRE — E que dizia ser sua tia.

FLORÊNCIA — Ai!

AMBRÓSIO — Era ele mesmo.

FLORÊNCIA — Que confusão, meu Deus!

AMBRÓSIO — Mas essa mulher, essa mulher? O que foi feito dela?

MESTRE — Uma hora depois, tempo preciso para acalmar a agitação, o Dom Abade perguntou-lhe como ela se achava ali, vestida com o hábito da Ordem.

AMBRÓSIO — E ela, que disse?

MESTRE — Que tinha sido traída por um frade, que, com a desculpa de salvá-la, trocara o seu vestido pelo hábito que trazia.

AMBRÓSIO — E nada mais?

MESTRE — Nada mais; e fui encarregado de prender de novo a todo custo o noviço Carlos. E cumpri a minha missão. O que ordenam a este servo de Deus?

AMBRÓSIO — Espere, Reverendíssimo, essa mulher já saiu do convento?

MESTRE — Mulheres não demoram no convento.

AMBRÓSIO — Que caminho tomou? Para onde foi? O que disse ao sair?

MESTRE — Não sei de nada.

AMBRÓSIO, *à parte* — O que me espera?

FLORÊNCIA, *à parte* — Tem algum segredo aqui...

MESTRE, *despedindo-se* — Às ordens...

FLORÊNCIA, *cumprimentando-o* — Uma serva de Vossa Reverendíssima.

MESTRE, *para Florência* — Quanto à saída de seu sobrinho do convento, entendam-se com o Dom Abade.

FLORÊNCIA — Nós o procuraremos. (*O Mestre sai e Florência acompanha-o até a porta; Ambrósio está admirado.*)

Cena VIII

Emília, Ambrósio e Florência.

EMÍLIA, *à parte* — Carlos, Carlos, o que será de ti e de mim?

AMBRÓSIO, *à parte* — Se ela aparece agora! Se Florência desconfia... Estou numa fria! Como evitar, como? Oh, decididamente estou perdido. Se eu pudesse encontrá-la... Talvez súplicas, ameaças, quem sabe? Não tenho mais cabeça. Que farei? De uma hora para outra ela aparece... (*Florência bate-lhe no ombro.*) É ela! (*Assustando-se.*)

FLORENCIA — Agora nós. (*Para Emília.*) Menina, vai para dentro. (*Emília sai.*)

Cena IX

Ambrósio e Florência.

AMBRÓSIO, *à parte* — O tempo vai fechar...

FLORENCIA — Quem era a mulher que estava naquele quarto?

AMBRÓSIO — Não sei.

FLORENCIA — Ambrósio, quem era a mulher que estava naquele quarto?

AMBRÓSIO — Florência, já te disse, não sei. São as coisas do Carlos.

FLORENCIA — Ambrósio, quem era a mulher que estava naquele quarto?

AMBRÓSIO — O que queres que eu diga, Florencinha?

FLORENCIA — Ah, não sabe? Pois bem, então me explique: por que razão o senhor se mostrou tão espantado quando Carlos o levou à porta daquele quarto e mostrou-lhe quem estava dentro?

AMBRÓSIO — Eu me espantei?

FLORENCIA — A ponto de quase me arrastar para a igreja, sem chapéu, lá me deixar e voltar para casa apressado.

AMBRÓSIO — Que é isso! Foi por...

FLORENCIA — Não invente uma mentira, diga depressa.

AMBRÓSIO — Pois bem, direi. Eu conheço essa mulher.

FLORENCIA — Ah! E então, quem é ela?

AMBRÓSIO — Queres saber quem é ela? É muito justo, mas aí é que está o segredo.



SCHLOSSER

FLORENCIA — Segredos comigo?

AMBRÓSIO — Oh, contigo não pode haver segredo, és a minha mulherzinha. (*Quer abraçá-la.*)

FLORENCIA — Fique longe; quem era a mulher?

AMBRÓSIO, *à parte* — Não sei o que lhe diga...

FLORENCIA — Vamos!

AMBRÓSIO — Essa mulher... Sim, essa mulher que há pouco estava naquele quarto, foi amada por mim.

FLORENCIA — Por ti?

AMBRÓSIO — Mas preste atenção no que digo: foi amada; e o que foi, não é mais.

FLORENCIA — Seu nome?

AMBRÓSIO — Seu nome? Que importa o nome? O nome é uma voz que nos faz conhecer as coisas... Não vale nada; o indivíduo é tudo... Vamos tratar do indivíduo. (*À parte.*) Não sei como continuar.

FLORENCIA — Então, e que mais?

AMBRÓSIO — Amei essa mulher. Amei, sim, amei. Essa mulher foi amada por mim, mas eu ainda não te conhecia. Oh, e quem ousará incriminar um homem por se encantar por uma estrela antes de ver a lua, quem? Ela era a estrela, e tu és a lua. Sim, minha Florencinha, tu és a minha lua cheia, e eu sou teu satélite.

FLORENCIA — Oh, não me convence assim...

AMBRÓSIO, *à parte* — O diabo que convença uma mulher! (*Alto.*) Florencinha, encanto da minha vida, estou diante de ti como diante do confessor, com uma mão sobre o coração e com a outra... Onde queres que coloque a outra?

FLORENCIA — Coloque onde quiser...

AMBRÓSIO — Pois bem, com ambas as mãos sobre o coração, direi: só tu és o meu único amor, minhas delícias, minha vida... (*À parte.*) e minha burra!

FLORENCIA — Se eu pudesse acreditar!...

AMBRÓSIO — Não podes porque não queres. Basta um pouquinho de boa vontade. Se fiquei aterrorizado ao ver essa mulher, foi por prever os desgostos que terias, se a visses.

FLORENCIA — Se tens medo que eu a veja, é porque ainda a ama.

AMBRÓSIO — Amá-la, eu? Ah, queria que ela estivesse mais longe de mim do que o cometa que apareceu no ano passado.

FLORÊNCIA — Oh, meu Deus, se eu pudesse crer!

AMBRÓSIO, *à parte* — Está quase convencida...

FLORÊNCIA — Se eu pudesse crer! (*Rosa entra vestida de frade, pelo fundo, para e observa.*)

AMBRÓSIO, *com animação* — Estes raios brilhantes e suaves de teus olhos ofuscam o seu olhar acanhado e ferido. Estes negros e finos cabelos varrem da minha **ideia** a sua cabeleira emaranhada cor de fogo. Esta mãozinha delicada (*pega sua mão*), este seio elegante, esta cintura flexível e delicada me fazem esquecer os encantos grosseiros dessa mulher que... (*Nesse momento, dá com os olhos em Rosa; vai recuando pouco a pouco.*)

FLORÊNCIA — O que tens? Por que te espantas?

ROSA, *adiantando-se* — Senhora, este homem me pertence.

FLORÊNCIA — E quem é Vossa Reverendíssima?

ROSA, *tirando o chapéu e deixando os cabelos caírem* — Sua primeira mulher.

FLORÊNCIA — Sua primeira mulher?

ROSA, *dando-lhe a certidão* — Lê. (*Para Ambrósio.*) Conhece-me, senhor? Há seis anos que não nos vemos, e quem diria que nos encontraríamos assim? Sua atitude foi nobre!... Oh, por que não enviaste um assassino para esgotar o sangue destas veias e arrancar a alma deste corpo? Devias ter feito assim, porque então eu não estaria aqui para me vingar, traidor!

AMBRÓSIO, *à parte* — O melhor é fugir. (*Corre para o fundo.*)

ROSA — Não o deixem fugir! (*Aparecem à porta oficiais, que prendem Ambrósio.*)

OFICIAL — Está preso!

AMBRÓSIO — Ai! (*Corre por toda a casa. Enquanto isso se passa, Florência lê a certidão.*)

FLORÊNCIA — Desgraçada de mim, fui traída! Quem me socorre? (*Tenta sair, encontra-se com Rosa.*) Ah, afasta-se para longe de mim! (*Recuando.*)

ROSA — Senhora, a quem ele pertence?

FIM DO SEGUNDO ATO

Ato terceiro

Quarto na casa de Florência: mesa, cadeiras, etc., etc., armário, uma cama grande com cortinados, uma mesa pequena com um castiçal com vela acesa. É noite.

Cena I

Florência deitada, Emília sentada junto dela, Juca vestido de calça, brincando com um carrinho pela sala.

FLORENÇIA — Meu Deus, meu Deus, que barulho faz este menino!

EMÍLIA — Maninho, estás fazendo muito barulho...

FLORENÇIA — Minha cabeça! Vai correr lá para dentro...

EMÍLIA — Anda, vai para dentro, vai para o quintal. (*Juca sai com o carrinho.*)

FLORENÇIA — Parece que minha cabeça está estalando... São umas marteladas aqui na testa. Ai, que não **aguento!** Dessa vez eu morro!...

EMÍLIA — Minha mãe, não diga isso, seu incômodo vai passar.

FLORENÇIA — Vai passar? Morro, morro... (*Chorando.*) Hi...

EMÍLIA — Minha mãe!

FLORENÇIA, *chorando* — Ser traída, enganada assim! Meu Deus, quem pode resistir? Hi, hi!

EMÍLIA — Por que se aflige tanto? O remédio é ter paciência e aceitar.

FLORENÇIA — Um homem em quem havia posto toda a minha confiança, que eu tanto amava... Emília, eu o amava muito!

EMÍLIA, *à parte* — Coitada!

FLORENÇIA — Enganar-me deste modo! De maneira tão indigna, casado com outra mulher. Ah, não sei como não me arrevento...

EMÍLIA — **Tranquelize-se**, minha mãe.

FLORENÇIA — Que eu achava desinteressado... Entregar-lhe todos os meus bens, iludir-me assim... Que malvado, que malvado!

EMÍLIA — Já é hora de tomar o remédio. (*Pega uma garrafa de remédio, coloca-o em uma xícara e dá a Florência.*)



FLORENÇA — Como os homens são falsos! Uma mulher não seria capaz de cometer ação tão indigna. O que é isso?

EMÍLIA — O cozimento que o doutor receitou.

FLORENÇA — Dá aqui. (*Bebe.*) Ora, de que servem esses remédios? Não fico boa; a ferida é no coração...

EMÍLIA — Vai se curar.

FLORENÇA — Olha, filha, quando eu vi diante de mim essa mulher, senti uma revolução que não sei te explicar... uma agitação, um barulho, que há oito dias me tem pregado nesta cama.

EMÍLIA — Eu estava no meu quarto, quando ouvi gritos na sala. Saí apressada e no corredor me encontrei com meu padrasto...

FLORENÇA — Teu padrasto?

EMÍLIA — ...que, passando como uma flecha diante de mim, dirigiu-se para o quintal, e saltando o muro, desapareceu. Corri para a sala...

FLORENÇA — E aí me encontraste banhada em lágrimas. Ela já tinha saído, depois de me ameaçar. Ah, mas eu vou ficar boa para me vingar!

EMÍLIA — Sim, é preciso ficar boa, para se vingar.

FLORENÇA — Eu vou ficar. Não vale a pena morrer por um traste daquele!

EMÍLIA — Sem dúvida!

FLORENÇA — O meu procurador me disse que o canalha está escondido, mas que já tem mandado de prisão contra ele. Deixa estar. Enganar-me, obrigar-me a te fazer freira, constranger a vocação de Carlos...

EMÍLIA — Oh, minha mãe, tenha pena do primo... O que ele não terá sofrido, coitado!

FLORENÇA — Já mandei uma pessoa de consideração falar ao Dom Abade esta manhã e, além disso, tenho uma carta que quero lhe remeter, pedindo que me faça a gentileza de mandar aqui um frade respeitável para tratar pessoalmente comigo este negócio.

EMÍLIA — Sim, minha boa mãezinha.

FLORENÇA — Chama o José.

EMÍLIA, *chamando* — José? José? E a mamãe acha que o primo vai estar em casa hoje?

FLORENÇA — És muito impaciente... Chama o José.

EMÍLIA — José?

Cena II

As mesmas e José.

JOSÉ — Minha senhora...

FLORENCIA — José, leva esta carta ao convento. Onde está o Sr. Carlos, sabes?

JOSÉ — Sei, minha senhora.

FLORENCIA — Procura pelo Sr. Dom Abade e lhe entrega esta carta de minha parte.

JOSÉ — Sim, minha senhora.

EMÍLIA — Depressa! (*Sai José.*)

FLORENCIA — Ai, ai!

EMÍLIA — Tomara que possamos vê-lo já!

FLORENCIA — Emília, amanhã me lembra de pagar o que devemos ao José e de despedi-lo. Foi metido aqui em casa pelo canalha, e só por esse fato já desconfio dele... Diz com quem andas... Que nada! Pode ser algum espião que tenhamos em casa...

EMÍLIA — Ele me parece bom moço.

FLORENCIA — O outro também parecia bom homem. Não confio mais nas aparências.

EMÍLIA — Tudo pode ser.

FLORENCIA — Vai ver aquilo lá por dentro como anda, que minhas escravas sabendo que estou de cama fazem mil diabruras.

EMÍLIA — E a senhora pode ficar só?

FLORENCIA — Agora estou melhor e, se precisar de alguma coisa, tocarei a campainha. (*Sai Emília.*)

Cena III

FLORENÇA, só — Depois que mudei a cama para este quarto que foi do sobrinho Carlos, passo melhor... No meu, todos os objetos me faziam lembrar aquele traidor. Ora, os homens são capazes de tudo, até de ter duas mulheres... E três, e quatro, e duas dúzias... Que demônios! Há oito dias que estou nesta cama; antes tivesse morrido. E ela, essa mulher desprezível, onde estará? Oh, mas que culpa tem ela? Mais tenho eu, já que fui tão tola, tão tola, que me casei sem perguntar quem ele era. Queira Deus que muitas desavisadas aproveitem este exemplo! Canalha, agora anda escondido... Ai, estou cansada... (*Deita-se.*) Mas não escapará da cadeia... seis anos de cadeia... assim me disse o procurador. Ai, minha cabeça! Se eu pudesse dormir um pouco. Ai, ai, as mulheres neste mundo... estão sujeitas... a... muito... ah! (*Dorme.*)

Cena IV

Carlos entra pelo fundo, apressado; traz o hábito rasgado e sujo.

CARLOS — Não há grades que me prendam, nem muros que me detenham. Arrombei grades, saltei muros e aqui estou de novo. E deixei lá parte do hábito, esfolei os joelhos e as mãos. Estou em belo estado! Ora, para que teimam comigo? Toco fogo no convento, e morrem todos os frades assados, e depois se queixem. Estou no meu antigo quarto, ninguém me viu entrar. Ah, que cama é esta? É da tia... Estará... Ah, é ela... e dorme... Mudou de quarto? O que terá se passado nesta casa há oito dias? Estive preso, incomunicável, vivendo de pão e água. Ah, frades! Não sei de nada. O que foi feito da primeira mulher do senhor meu tio, desse grande canalha? Onde estará a prima? Como dorme! Ronca que é uma coisa! (*Batem palmas.*) Estão batendo! São eles, não tem dúvida. Eu acabo matando um frade...

MESTRE, *dentro* — Deus esteja nesta casa.

CARLOS — É o padre-mestre! Já deram pela minha fugida...

MESTRE, *dentro* — Dá licença?

CARLOS — Certamente não sou eu que vou te dar. É melhor me esconder, mas de modo que ouça o que ele... Debaixo da cama... (*Esconde-se.*)

MESTRE, *dentro, batendo com força* — Dá licença?

FLORÊNCIA, *acordando* — Quem é? Quem é?

MESTRE, *dentro* — Um servo de Deus.

FLORÊNCIA — Emília? Emília? (*Toca a campainha.*)

Cena V

Entra Emília.

EMÍLIA — Mãe...

FLORÊNCIA — Lá dentro estão todos surdos? Vai ver quem está na escada batendo. (*Emília sai pelo fundo.*) Acordei assustada... Estava sonhando que o meu primeiro marido enforcava o segundo, e era muito bem enforcado...

Cena VI

Entra Emília com o padre-mestre.

EMÍLIA — Mãe, é o Sr. padre-mestre. (*À parte.*) Ave de agouro⁹!

FLORENCIA — Ah!

MESTRE — Desculpe-me, minha senhora.

FLORENCIA — O padre-mestre é que vai me desculpar por recebê-lo assim. (*Senta-se na cama.*)

MESTRE — Oh, esteja à vontade. Por lá já se sabe dos seus incômodos. Toda a cidade o sabe. Problemas deste mundo...

FLORENCIA — Emília, oferece uma cadeira ao Reverendíssimo.

MESTRE — Sem incômodo. (*Senta-se.*)

FLORENCIA — O padre-mestre veio falar comigo mandado pelo Sr. Dom Abade?

MESTRE — Não, minha senhora.

FLORENCIA — Não? Pois eu lhe escrevi.

MESTRE — Venho aqui pelo mesmo motivo que já vim duas vezes.

FLORENCIA — Como assim?

MESTRE — Em procura do noviço Carlos. Ah, que rapaz!

FLORENCIA — Pois fugiu de novo?

MESTRE — Se fugiu! É indomável! Foi metido no cárcere a pão e água.

⁹Pessoas que trazem más notícias.

O Noviço

EMÍLIA — Desgraçado!

MESTRE — Ah, a menina lamenta? Não me admira que ele faça o que faz.

FLORÊNCIA — O padre-mestre dizia...

MESTRE — Que estava no cárcere a pão e água, mas o endemoninhado arrombou as grades, saltou na horta, passou pelo muro da cerca que dá para a rua e pôs-se a toda velocidade.

FLORÊNCIA — Que doido! E para onde foi?

MESTRE — Não sabemos, mas julgamos que se dirigiu para aqui.

FLORÊNCIA — Posso garantir a Vossa Reverendíssima que por aqui ainda não apareceu. (*Carlos bota a cabeça de fora e puxa o vestido de Emília.*)

EMÍLIA, *assustando-se* — Ai!

FLORÊNCIA — O que é, menina?

MESTRE, *levantando-se* — O que foi?

EMÍLIA, *vendo Carlos* — Não foi nada, não, senhora... Um jeito que dei no pé.

FLORÊNCIA — Tem cuidado. Sente-se, Reverendíssimo. Mas como lhe dizia, o meu sobrinho não apareceu aqui; desde o dia que o padre-mestre o levou preso ainda não o vi. Não sou capaz de faltar à verdade.

MESTRE — Oh, nem eu acho nisso. E depois, Vossa Senhoria, como boa parenta que é, deve contribuir para a sua correção. Esse moço tem revolucionado todo o convento, e é preciso um castigo exemplar.

FLORÊNCIA — Tem muita razão; mas eu já mandei falar ao Sr. Dom Abade para que meu sobrinho saísse do convento.

MESTRE — E o Dom Abade está resolvido a isso. Nós todos nos temos empenhado. O Sr. Carlos faz-nos loucos... Sairá do convento; porém, antes será castigado.

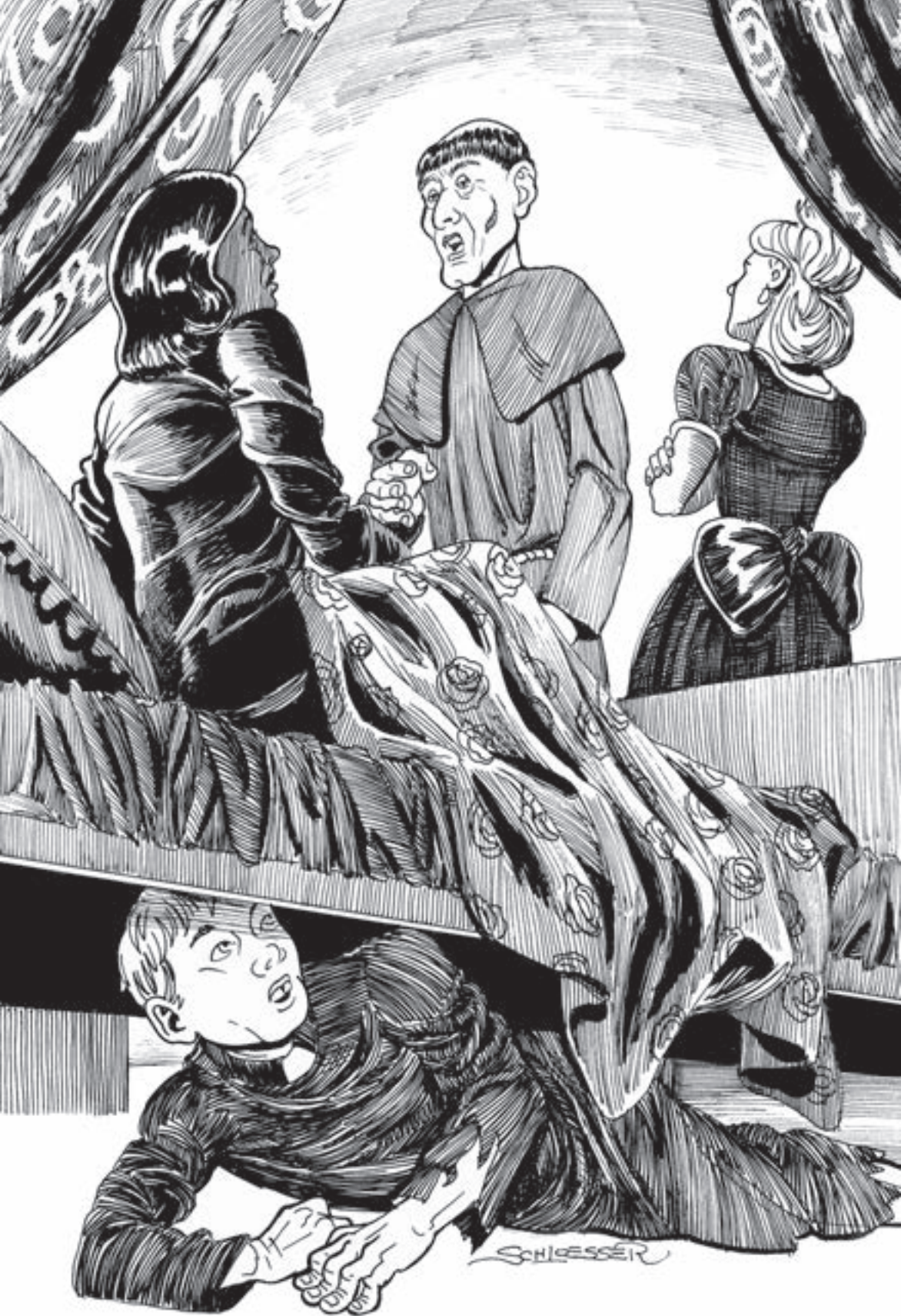
CARLOS — Veremos...

FLORÊNCIA, *para Emília* — O quê?

EMÍLIA — Nada, não, senhora.

MESTRE — Não por ele, que estou certo que não se emendará, mas para exemplo dos que lá ficam. Do contrário, todo o convento se agitaria.

FLORÊNCIA — Como estão resolvidos a dispensar meu



sobrinho do convento, e o castigo que querem lhe impor é **tão somente** exemplar, e ele precisa um pouco, dou minha palavra a Vossa Reverendíssima que, assim que ele aparecer aqui, mandarei agarrá-lo e levar para o convento.

CARLOS — Essa conversa não acaba por aqui...

MESTRE, *levantando-se* — Mil graças, minha senhora.

FLORENCIA — Vossa Reverendíssima terá a bondade de dizer isto mesmo ao Sr. Dom Abade, a quem recomendo em minhas orações.

MESTRE — Serei fiel cumpridor. Dá-me as suas determinações.

FLORENCIA — Emília, conduz o padre-mestre.

MESTRE, *para Emília* — Minha menina, muito cuidado com o senhor seu primo. Não confie nele; é capaz de tudo. (*Sai.*)

EMÍLIA, *voltando* — Vá encomendar defuntos!

Cena VII

Emília, Florência e Carlos, este debaixo da cama.

FLORENCIA — Então, que achas de teu primo Carlos? É a terceira fuga. Assim não é bonito.

EMÍLIA — E para que o prendem?

FLORENCIA — Prendem-no porque ele foge.

EMÍLIA — E ele foge porque o prendem.

FLORENCIA — Belo argumento! É mesmo dessa cabeça. (*Carlos puxa o vestido de Emília.*) Mas o que tu tens?

EMÍLIA — Nada, não, senhora.

FLORENCIA — Se ele aparecer aqui hoje, vai ter que entender; irá para o convento, ainda que seja amarrado. É preciso quebrar seu gênio. Estás se mexendo?

EMÍLIA — Não, senhora.

FLORENCIA — Queira Deus que ele se emende... Mas que tu tens, Emília, tão inquieta?

EMÍLIA — São cócegas na sola dos pés.

FLORENCIA — Ah, isso são cãibras. Bate com o pé, assim melhora.

EMÍLIA — Está passando.

FLORENCIA — O sobrinho é **inconsequente**, mas nunca te dará os desgostos que me deu o Ambró... — nem quero pronunciar o nome. E tu não ficas quieta? Bate com o pé.

EMÍLIA, *afastando-se da cama* — Não posso ficar quieta no mesmo lugar. (*À parte.*) Que louco!

FLORENCIA — Estou arrependida de ter escrito. (*Entra José.*) Quem vem aí?

Cena VIII

Os mesmos e José.

EMÍLIA — É o José.

FLORENCIA — Entregaste a carta?

JOSÉ — Sim, minha senhora, e o Sr. Dom Abade mandou comigo um reverendíssimo, que ficou na sala à espera.

FLORENCIA — Mande-o entrar. (*Sai o criado.*) Emília, vai para dentro. Já que um reverendíssimo teve o incômodo de vir aqui, quero aproveitar a ocasião e me confessar. Posso morrer...

EMÍLIA — Ah!

FLORENCIA — Anda, vai para dentro e não te assustes. (*Sai Emília.*)

Cena IX

FLORENCIA, só — A ingratidão daquele monstro me assassinou. Bom é ficar **tranquila** com a minha consciência.

Cena X

Ambrósio, com hábito de frade, entra seguindo José.

CRIADO — Aqui está a senhora.

AMBRÓSIO, *à parte* — Pode se retirar e fechar a porta.
(*Dá-lhe dinheiro.*)

CRIADO (*ã parte*) — Eles que se entendam... O pagamento já está comigo.

Cena XI

FLORENCIA — Vossa Reverendíssima pode se aproximar. Queira se sentar. (*Senta-se.*)

AMBRÓSIO, *fingindo que tosse* — Hum, hum, hum... (*Carlos observa debaixo da cama.*)

FLORENCIA — Escrevi para que uma pessoa viesse falar comigo, e Vossa Reverendíssima teve a bondade de vir.

AMBRÓSIO — Hum, hum, hum...

CARLOS, *à parte* — O diabo do frade está resfriado.

FLORENCIA — E era para tratarmos do meu sobrinho Carlos, mas já não é preciso. Aqui esteve o padre-mestre; falamos sobre isso; está tudo ajustado, e sem dúvida Vossa Reverendíssima já está informado.

AMBRÓSIO, *o mesmo* — Hum, hum, hum...

FLORENCIA — Vossa Reverendíssima está resfriado; talvez o frio da noite...

AMBRÓSIO, *disfarçando a voz* — Sim, sim...

FLORENCIA — Muito bem.

CARLOS, *à parte* — Não conheci esta voz no convento...



FLORENCIA — Mas, para que Vossa Reverendíssima não perdesse todo o seu tempo, se quisesse ter a bondade de ouvir-me em confissão...

AMBRÓSIO — Ah! (*Vai fechar as portas.*)

FLORENCIA — Que está fazendo, senhor? Fechando a porta? Ninguém nos ouve.

CARLOS, *à parte* — O frade tem más intenções...

AMBRÓSIO, *disfarçando a voz* — Por cautela.

FLORENCIA — Sente-se. (*À parte.*) Não gosto muito disto... (*Alto.*) Reverendíssimo, antes de começar a confissão, acho necessário lhe informar que fui casada duas vezes; a primeira, com um santo homem, e a segunda, com um demônio.

AMBRÓSIO — Hum, hum, hum...

FLORENCIA — Um homem sem honra e sem fé em Deus, um malvado. Casou-se comigo quando ainda tinha mulher viva! Não é verdade, Reverendíssimo, que esse homem vai diretinho para o inferno?

AMBRÓSIO — Hum, hum, hum...

FLORENCIA — Mas enquanto não vai para o inferno, irá pagar nesta vida. Há uma ordem de prisão contra ele, e o malvado não tem coragem de aparecer.

AMBRÓSIO, *levantando-se e tirando o capuz* — E quem disse que ele não tem coragem de aparecer?

FLORENCIA, *fugindo da cama* — Ah!

CARLOS, *à parte* — O senhor meu tio!

AMBRÓSIO — Pode gritar, as portas estão fechadas. Preciso de dinheiro, e muito dinheiro, para fugir desta cidade, e tu me darás, senão...

FLORENCIA — Deixa-me! Eu chamo por socorro!

AMBRÓSIO — Que me importa? Sou criminoso; serei punido. Pois bem, cometerei outro crime, que pode me salvar. Tu me darás tudo quanto possuis: dinheiro, **joias**, tudo! E desgraçada de ti, se não me obedeceres! A morte!...

FLORENCIA, *correndo por toda a casa, gritando* — Socorro, socorro! Ladrão, ladrão! Socorro! (*Escuro.*)

AMBRÓSIO, *seguinto-a* — Silêncio, silêncio, mulher!

CARLOS — O caso é sério! (*Vai saindo debaixo da cama no*

O Noviço

momento em que Florência atira a mesa no chão. Ouvem-se gritos fora: Abra, abra! Florência, achando-se só e no escuro, senta-se no chão, encolhe-se e cobre-se com uma colcha.)

AMBRÓSIO, *procurando* — Para onde foi? Não vejo nada. Alguém bate nas portas! O que farei?

CARLOS, *à parte* — A tia se calou, e ele aqui está.

AMBRÓSIO, *encontrando-se com Carlos e agarrando-lhe no hábito* — Ah, mulher, estás em meu poder. Estas portas cederão em breve; salva-me, ou te mato!

CARLOS, *dando-lhe uma bofetada* — Tome isso, senhor meu tio!

AMBRÓSIO — Ah! (*Cai no chão.*)

CARLOS, *à parte* — Outra vez para o esconderijo. (*Mete-se debaixo da cama.*)

AMBRÓSIO, *levantando-se* — Que mão! Continuam batendo. Onde me esconder? Que escuro! Deste lado vi um armário... Aqui está! (*Entra.*)

Cena XII

Entram pelo fundo quatro homens armados, Jorge trazendo uma vela acesa. Claro.

JORGE, *entrando* — Vizinha, vizinha, o que é? O que foi? Não vejo ninguém... (*Encontra Florência no canto.*) Quem está aqui?

FLORENCIA — Ai, ai!

JORGE — Vizinha, somos nós...

EMÍLIA, *dentro* — Minha mãe, minha mãe! (*Entra.*)

FLORENCIA — Ah, é o vizinho Jorge! E estes senhores? (*Levantando-se ajudada por Jorge.*)

EMÍLIA — Minha mãe, o que foi?

FLORENCIA — Filha!

JORGE — Estava na porta de minha loja, quando ouvi gritar: Socorro, socorro! Conheci a voz da vizinha e corri para aqui com estes quatro amigos.

FLORENCIA — Muito obrigado, vizinho; ele já se foi.

JORGE — Ele quem?

FLORENCIA — O ladrão.

TODOS — O ladrão!

FLORENCIA — Sim, um ladrão vestido de frade, que queria me roubar e assassinar.

EMÍLIA, *para Florência* — Mãe!

JORGE — Mas ele não teve tempo de sair. Procuremos.

FLORENCIA — Espere, vizinho, deixe-me sair primeiro. Se o encontrarem, deem-lhe uma boa arrojada e levem-no preso. (*À parte.*) Vai me pagar! Vamos, menina.

EMÍLIA, *para Florência* — É Carlos, minha mãe, é o primo!

FLORENCIA, *para Emília* — É o primo nada! É ele, teu padraсто.

EMÍLIA — É o primo!

FLORENCIA — É ele, é ele. Vem. Procurem-no bem, vizinhos, e pau nele. Anda, anda. (*Sai com Emília.*)

Cena XIII

JORGE — Amigos, cuidado! Procuremos tudo; o ladrão ainda não saiu daqui. Venham atrás de mim. Assim que ele aparecer, uma boa paulada, e depois pés e mãos amarradas, e à polícia com ele... Sigam-me. Aqui não está; vejamos atrás do armário. (*Vê.*) Nada. Onde se esconderia? Talvez debaixo da cama. (*Levantando o rodapé.*) Oh, aqui está ele! (*Dão bordoadas.*)

CARLOS, *gritando* — Ai, ai, não sou eu, não sou ladrão, ai ai!

JORGE, dando bordoadas — Venha para fora, ladrão, saia! (*Carlos sai, gritando.*) Não sou ladrão, sou de casa!

JORGE — Peguem-no, amigos! (*Perseguem Carlos por toda a cena, dando bordoadas nele. Por fim, Jorge vai para trás do armário e atira-o no chão. Gritos: Ladrão!*)

Cena XIV

Jorge só; depois Florência e Emília.

JORGE — Eles que o sigam; eu não posso mais. O diabo esfolou minha canela com o armário. (*Batendo na porta.*) Ó, vizinha, vizinha?

FLORENCIA, *entrando* — Então, vizinho?

JORGE — Estava escondido debaixo da cama.

EMÍLIA — Não lhe disse?

JORGE — Demos-lhe uma boa paulada, e ele fugiu por aquela porta, mas os amigos foram no seu alcance.

FLORENCIA — Muito obrigada, vizinho, Deus lhe pague.

JORGE — Espero que a vizinha não tenha mais problemas.

FLORENCIA — Obrigada. Deus lhe pague, Deus lhe pague.

JORGE — Boa noite, vizinha; mande levantar o armário que caiu.

FLORENCIA — Sim, senhor. Boa noite. (*Sai Jorge.*)

Cena XV

Florência e Emília.

FLORÊNCIA — Pagou-me!

EMÍLIA, *chorando* — Então, mãe, não lhe disse que era o primo Carlos?

FLORÊNCIA — E continuas teimando?

EMÍLIA — Se eu o vi atrás da cama!

FLORÊNCIA — Ai, pior, era teu padasto.

EMÍLIA — Se eu o vi!

FLORÊNCIA — Se eu lhe falei!... É teimosa!

Cena XVI

JUCA, *entrando* — Mamãe, aquela mulher do papai quer lhe falar.

FLORENCIA — O que essa mulher quer comigo, o que quer? (*Decidida.*) Diga que entre. (*Sai Juca.*)

EMÍLIA — A mamãe vai se aborrecer no estado em que está?

FLORENCIA — Bota aqui duas cadeiras. Ela não tem culpa. (*Emília chega com uma cadeira. Florência, sentando-se.*) Vejamos o que quer. Chega mais esta outra cadeira para aqui. Bem, vai para dentro.

EMÍLIA — Mas, se...

FLORENCIA — Anda; uma menina não deve ouvir a conversa que vamos ter. Farei tudo para persegui-lo! (*Emília sai.*)

Cena XVII

Entra Rosa. Já vem de vestido.

ROSA — Dá licença?

FLORENCIA — Pode entrar. Queira ter a bondade de se sentar. (*Senta-se.*)

ROSA — Minha senhora, a nossa posição é bem fora do comum...

FLORENCIA — É desagradável no último ponto.

ROSA — Ambas casadas com o mesmo homem...

FLORENCIA — E ambas com igual direito.

ROSA — Perdoe-me, minha senhora, nossos direitos não são iguais; sendo eu a primeira mulher...

FLORENCIA — Oh, não falo desse direito. Eu quero dizer direito de persegui-lo.

ROSA — Nisso estou de acordo.

FLORENCIA — Fui atraída de maneira miserável.

ROSA — E eu, insultada de maneira indigna...

FLORENCIA — Atormentei meus filhos...

ROSA — Contribuí para a morte de minha mãe...

FLORENCIA — Estragou grande parte de minha fortuna...

ROSA — Roubou-me todos os meus bens...

FLORENCIA — Oh, mas eu me vingarei!

ROSA, *levantando-se* — Nós nos vingaremos, senhora, e para isso estou aqui.

FLORENCIA, *levantando-se* — Explique-se.

ROSA — Ambas fomos traídas pelo mesmo homem, ambas ajudamos a subir em sua ambição. E por acaso somos culpadas disso?

FLORENCIA — Não.

ROSA — Quando eu lhe dei a minha mão, poderia prever que ele seria um traidor? E a senhora, quando lhe deu a sua, que se unia a um infame?



O Noviço

FLORENCIA — Oh, não!

ROSA — E nós, suas desgraçadas vítimas, nos odiaremos, em vez de nos ligarmos para de comum acordo perseguir o traidor?

FLORENCIA — Senhora, nem eu nem você temos culpa do que se tem passado. Quisera viver longe da senhora; sua presença aumenta meus desgostos, porém farei um esforço — *aceito a sua proposta* — vamos nos unir e mostraremos ao monstro o que podem duas fracas mulheres quando querem se vingar.

ROSA — Eu contava com a senhora.

FLORENCIA — Agradeço a confiança.

ROSA — Sou de cidade pequena, não possuo talvez a educação da Corte, mas tenho paixões violentas e decisões prontas. Trago aqui uma ordem de prisão contra o traidor, mas ele se esconde. Os oficiais de justiça andam em sua procura.

FLORENCIA — Esteve aqui há pouco.

ROSA — Quem?

FLORENCIA — O traidor.

ROSA — Aqui? Em sua casa? E não o seguraste?

FLORENCIA — Como?

ROSA — Ah, se eu estivesse aqui...

FLORENCIA — Fugiu, mas levou uma camada de pau.

ROSA — E onde estará ele agora, onde?

AMBRÓSIO, *arrebenta uma tábua do armário, põe a cabeça de fora* — Ai, que abafado!

FLORENCIA e ROSA, *assustadas* — É ele!

AMBRÓSIO, *com a cabeça de fora* — Oh, diabo, aqui estão elas!

FLORENCIA — É ele! Como entraste aí?

ROSA — Estava nos espreitando!

AMBRÓSIO — Que espreitando! Tenham a bondade de levantar este armário.

FLORENCIA — Para quê?

AMBRÓSIO — Quero sair... Não **aguento** mais... Abafado, morro!

ROSA — Ah, não podes sair? Melhor.

AMBRÓSIO — Melhor?

ROSA — Sim, melhor, porque estás em nosso poder.

FLORENCIA — Sabes que estávamos procurando um meio

de nos vingarmos de ti, canalha?

ROSA — E tu mesmo te entregaste... Mas como?...

FLORENCIA — Já sei. Bem dizia Emília; foi Carlos quem levou as bordoadas. Ah, canalha, mais essa!

ROSA — Pagará por tudo junto.

AMBRÓSIO — Mulheres, vejam lá o que vão fazer!

FLORENCIA — Não me metes medo. Seu mau-caráter!

ROSA — Sabes que papel é este? É uma ordem de prisão contra ti que vai ser executada. Foge agora!

AMBRÓSIO — Minha Rosinha, tira-me daqui!

FLORENCIA — O que é isso?

AMBRÓSIO — Florencinha, tem pena de mim!

ROSA — Ainda falas, canalha?

AMBRÓSIO — Olha que eu grito! Ai, ai!

FLORENCIA — Podes gritar. Espera um bocado. (*Sai.*)

ROSA — A justiça de Deus te castiga.

AMBRÓSIO — Escuta-me, Rosinha, enquanto aquele diabo está lá dentro: tu és a minha mulher querida; tira-me daqui que eu te prometo...

ROSA — Promessas tuas? Queres que eu acredite nelas? (*Entra Florência trazendo um pau de vassoura.*)

AMBRÓSIO — Mas eu juro que desta vez...

ROSA — Juras? E tu tens fé em Deus para jurar?

AMBRÓSIO — Rosinha de minha vida, olha que...

FLORENCIA, *levanta o pau e dá-lhe na cabeça* — Toma, mau-caráter!

AMBRÓSIO, *escondendo a cabeça* — Ai!

ROSA, *rindo* — Ah, ah, ah!

FLORENCIA — Ah, pensavas que o caso ia ficar assim? Anda, bota a cabeça de fora!

AMBRÓSIO, *começa a gritar* — Ai! Ai!

ROSA, *procura um pau pela casa* — Não acho outro pau...

FLORENCIA — Grita, grita, que eu já chorei muito. Mas agora vou arrebentar esta tua cabeça. Bota essa cara sem-vergonha de fora!

ROSA, *tirando o travesseiro da cama* — Isto serve?

FLORENCIA — Canalha! Homem desalmado!

ROSA — Zombastes, agora pagarás.

AMBRÓSIO, *botando a cabeça de fora* — Ai, assim eu morro! (*Dão-lhe.*)

ROSA — Toma lá!

AMBRÓSIO, *escondendo a cabeça* — Diabos!

ROSA — Chegou nossa vez.

FLORENCIA — Você verá como duas mulheres se vingam...

ROSA — Traídas...

FLORENCIA — Enganadas...

ROSA — Por um canalha...

FLORENCIA — Digno da força.

ROSA — Anda, bota a cabeça para fora!

FLORENCIA — Pensou que choraríamos para sempre?

AMBRÓSIO, *bota a cabeça de fora* — Não aguento mais!

(Dão-lhe.) Ai, que me matam! *(Esconde-se.)*

ROSA — Isso é para te ensinar.

FLORENCIA, *fazendo sinais para Rosa* — Está bom, chega.

Vamos chamar os oficiais de justiça.

ROSA — Nada! Primeiro vou lhe arrebentar a cabeça. Bota a cabeça de fora. Não queres?

FLORENCIA, *fazendo sinais* — Não, minha amiga, já nos vingamos por nossas mãos. Agora, a Justiça.

ROSA — Pois vamos. Um instantinho, meu olho, já voltamos.

FLORENCIA — Se quiser, pode sair e passear. Podemos sair, que ele não foge. *(Ficam perto do armário, silenciosas.)*

AMBRÓSIO, *botando a cabeça de fora* — As fúrias já se foram. Quase abriram minha cabeça! Se eu pudesse fugir... *(Florência e Rosa dão-lhe.)*

FLORENCIA — Por que não foges?

ROSA — Pode muito bem.

AMBRÓSIO — Demônios! *(Esconde-se.)*

FLORENCIA — Só assim teria vontade de rir. Ah, ah!

ROSA — Há seis anos que não rio de tão boa vontade!

FLORENCIA — Então, maridinho?

ROSA — Vidinha, não queres ver tua mulher?

AMBRÓSIO, *dentro* — Demônios, fúrias, **centopeias!** Diabos! Corujas! Ai, ai! *(Gritando sempre.)*

Cena XVIII

Os mesmos e Emília.

EMÍLIA, *entrando* — O que é? Estão rindo?

FLORÊNCIA — Vem cá, menina, vem ver como se deve ensinar os homens.

Cena XIX

Entra Carlos preso por soldados, seguido de Jorge.

JORGE, *entrando na frente* — Vizinha, o ladrão foi apanhado.

CARLOS, *entre os soldados* — Tia!

FLORENÇIA — Carlos!

EMÍLIA — O primo! (*Ambrósio bota a cabeça de fora e espia.*)

JORGE — É o ladrão.

FLORENÇIA — Vizinho, este é meu sobrinho Carlos.

JORGE — Seu sobrinho? Pois foi quem levou a surra.

CARLOS — Ainda sinto aqui...

FLORENÇIA — Coitado! Foi um engano, vizinho.

JORGE, *para os oficiais* — Podem largá-lo.

CARLOS — Obrigado. Primitiva! (*Indo para ela.*)

EMÍLIA — Pobre primo!

FLORENÇIA, *para Jorge* — Nós já sabemos como foi o engano, neste armário; depois lhe explicarei. (*Ambrósio se esconde.*)

JORGE, *para os soldados* — Sinto pelo trabalho que tiveram... E, como não é mais preciso, podem se retirar.

ROSA — Queiram ter a bondade de esperar. Senhores oficiais de justiça, aqui lhes apresento este mandado de prisão, lavrado contra um homem que se oculta dentro daquele armário.



O Noviço

TODOS — Naquele armário!

OFICIAL, *tendo lido o mandado* — O mandado está correto.

ROSA — Tenham a bondade de levantar o armário. (*Os oficiais de justiça e os quatro homens levantam o armário.*)

FLORENCIA — Abram. (*Ambrósio sai muito pálido, depois de abrirem o armário.*)

CARLOS — O senhor meu tio!

EMÍLIA — Meu padrasto!

JORGE — O Sr. Ambrósio?

OFICIAL — Estás preso.

ROSA — Levem-no.

FLORENCIA — Para a cadeia.

AMBRÓSIO — Um momento. Estou preso, vou passar seis anos na cadeia... Podem comemorar, senhoras. Eu deveria ter me lembrado, antes de me casar com duas mulheres, que basta só uma para fazer o homem desgraçado. O que diremos de duas? Reduzem-no ao estado em que me vejo. Mas não sairei daqui sem ao menos me vingar de alguém. (*Para os oficiais.*) Senhores, aquele moço fugiu do convento depois de assassinar um frade.

CARLOS — O que é isso? (*O Mestre de Noviços entra pelo fundo.*)

AMBRÓSIO — Senhores, estou denunciando um criminoso.

OFICIAL — É verdade que tenho aqui uma ordem contra um noviço...

MESTRE — ...Que já não vale nada. (*Prevenção.*)

TODOS — O padre-mestre!

MESTRE, *para Carlos* — Carlos, o Dom Abade achou mais prudente que não voltasses lá. Aqui tens a permissão por ele assinada para sair do convento.

CARLOS, *abraçando-o* — Meu bom padre-mestre, este ato me reconcilia com os frades.

MESTRE — E vocês, senhoras, esperem da justiça dos homens o castigo deste malvado. (*Para Carlos e Emília.*) E vocês, meus filhos, sejam felizes, que eu pedirei para todos (*ao público.*) indulgência!

AMBRÓSIO — Oh, mulheres, mulheres! (*Execução.*)

FIM